



Cristãos e Muçulmanos: o que eles dizem uns dos outros?

Compilado por William Stoddart

Publicado pelo website FSchuon
Brasil - 2015

Título original : *What do the Religions say about Each Other? Christian attitudes towards Islam, Islamic attitudes towards Christianity*, publicado por Sophia Perennis, San Rafael, CA, EUA, 2008

Copyright: William Stoddart

Todos os direitos reservados ao website FSchuon

Permitida a reprodução de breves extratos para fins de resenha e comentário. É obrigatória a indicação, por hyperlink, do endereço em que está hospedada esta página.

Tradução de Alberto Queiroz

Data desta publicação: janeiro de 2015

Capa: Mosaico na Residência Patriarcal em Istambul.

Em 1493, Mehmet II (“o Conquistador”) dá os primeiros privilégios ao Patriarca Ortodoxo Gennadios Scholarius, dizendo: “Sede Patriarca e tende os privilégios daqueles de antes de vós.”

Tábua de Matérias

Introdução

- 1) Atitudes
- 2) A Importância da Ortodoxia
- 3) O Ciclo Descendente

Atitudes cristãs em relação ao Islã

- 1) Os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos
- 2) A Virgem Maria
- 3) Papas
- 4) Cardeais
- 5) Bispos católicos
- 6) Monges católicos
- 7) Reis e cavaleiros
- 8) Cristianismo oriental
- 9) Protestantes
- 10) Ministro de Estado
- 11) Anedotistas

Atitudes islâmicas em relação ao Cristianismo

- 1) Alcorão
- 2) Mohammed
- 3) Califas
- 4) Sufis
- 5) Sultões e santos
- 6) Historiadores

Introdução

1) Atitudes

Os terríveis acontecimentos dos últimos anos¹, com suas consequências também terríveis, levaram o público ocidental a perguntar, mais ou menos pela primeira vez: que tipo de religião é o Islã? As pessoas de boa índole que buscam uma conciliação respondem que o Islã é “uma religião de paz”. Bem, está certo, mas o mesmo se pode dizer de todas as outras religiões, embora não devamos esquecer o que disse Cristo: “Não vim para trazer a paz, mas a espada” – e que um princípio análogo a este também está presente em todas as religiões.

Muito mais importante é o fato de que toda religião afirma ser, acima de tudo, “uma religião da verdade”. Nas palavras de Cristo, é a verdade que “os libertará”. Deste modo, toda religião afirma duplamente ser um veículo da verdade e fornecer um meio de salvação. Não fosse assim, não se trataria de uma religião, mas de uma ideologia fabricada pelo homem, incapaz de salvar qualquer um. A verdade e um meio de salvação são as características que definem uma religião.

O Cristianismo deveria ser bem conhecido das pessoas nascidas e criadas no mundo ocidental – embora já não se possa tomar isso como certo. Quanto ao Islã, ele é caracterizado por aqueles que são chamados de “cinco pilares”. São eles: a fé, a oração, o jejum, a esmola e a peregrinação. A fé (*îmân*) de que “não há deus a não ser Deus”; a oração (*salât*) cinco vezes ao dia; o jejum (*sawm*) durante o mês sagrado do Ramadã; a esmola (*zakât*) “aos pobres, às viúvas, aos órfãos”; e a peregrinação (*hajj*) – uma vez na vida, se possível – à “pedra negra” abraâmica da Caaba, na Meca.

Quando nós do Ocidente procuramos determinar qual deveria ser nossa atitude para com o Islã, o melhor que podemos fazer é considerar cuidadosamente as declarações e atitudes das Escrituras e dos porta-vozes (cultos e humildes, antigos e modernos) de ambas as religiões sobre a questão de suas relações mútuas. *Mutatis mutandis*, os fiéis muçulmanos mostrariam sabedoria se fizessem o mesmo. Só isso poderá nos fornecer o conhecimento fundamental que é indispensável para um entendimento realmente sério e profundo.

Os exemplos aqui apresentados foram selecionados somente a partir da forma tradicional ou pré-moderna da religião ou denominação. A razão para isto é que as formas modernas da religião – que estão hoje em todo lugar – são subjetivas, arbitrárias e flutuantes, e carecem da autoridade e da permanência que são a marca de autenticidade de uma verdadeira religião.

O objetivo desta compilação é pôr à disposição dos homens contemporâneos de boa-fé algumas dessas atitudes e declarações tradicionais do Cristianismo a respeito do Islã, e do Islã a respeito do Cristianismo.

¹ O autor se refere aos atentados terroristas de 2001, nos Estados Unidos, e à invasão americana do Iraque, bem como à guerra no Afeganistão.

2) A Importância da Ortodoxia

O significado do termo “ortodoxia” foi quase totalmente apagado da mente das pessoas. Mais que nunca, a ortodoxia é vista simplesmente como uma forma de intolerância: um grupo de pessoas tentando impor seus pontos de vista aos outros. Nesse sentido, contudo, é útil lembrar o primeiro item do “Caminho Óctuplo” do budismo: “visões corretas” ou “pensamento correto”. É óbvio por que o “pensamento correto” deve gozar de uma posição elevada, pois, tanto lógica como praticamente, tem prioridade sobre o “fazer correto”. E qual é a palavra (derivada do grego) que significa “pensamento correto”? “Ortodoxia”, precisamente.

Para levar a questão mais adiante: $2 + 2 = 4$ é ortodoxo; $2 + 2 = 5$ é não-ortodoxo. Um tanto simples, mas também válido para níveis muito mais elevados. E outra maneira de ver a questão é a seguinte: mesmo nas circunstâncias de hoje em dia, muitas pessoas ainda mantêm a noção de “pureza moral” e lhe atribuem um alto valor. Ora, a ortodoxia é a “pureza intelectual”, e como tal é um prelúdio indispensável para a graça. Vista dessa maneira — e longe de “dizer aos outros em que acreditar” —, a ortodoxia não é senão uma referência à primazia e prioridade da verdade. A ortodoxia é, de fato, o princípio da verdade que percorre os mitos, símbolos e dogmas, que são a própria linguagem da revelação.

Assim como a moralidade, a ortodoxia pode ser universal (conformidade à verdade em si mesma) ou específica (conformidade às formas de determinada religião). Ela é universal quando declara que Deus é incriado, ou que Deus é absoluto e infinito, e é específica quando afirma que Deus é Trinitário (Cristianismo) ou que Deus assume a forma tríplice de Brahmâ, Vishnu e Xiva (Hinduísmo).

O afastamento da ortodoxia é a heresia, seja intrínseca (o ateísmo ou o deísmo, por exemplo) ou extrínseca (por exemplo, um adepto de uma religião semítica rejeitando as divindades dos panteões hindu e grego).

A ortodoxia é normal, a heresia anormal. Isto permite o emprego de uma metáfora tirada da medicina: o estudo das várias ortodoxias tradicionais diz respeito ao fisiologista religioso, enquanto o estudo das heresias (fosse ele meritório) compete ao patologista religioso.

O filósofo católico inglês Bernard Kelly sabia que o encontro das religiões mundiais era inevitável e, dadas as necessidades específicas de nossa época, ele percebeu que havia aí um lado positivo. Seu desejo era que este encontro pudesse ser, não destrutivo, mas “para a glória maior de Deus”; em outras palavras, não para a perda das almas, mas para sua salvação. Como que prevendo o caos moderno, seu primeiro princípio neste domínio foi o da necessidade, acima de tudo o mais, da *ortodoxia* — não apenas do lado do Cristianismo, mas também da parte das religiões não-cristãs que, tanto no Oriente com no Ocidente, vinham sendo usurpadas pelo secularismo de um lado e deformadas pelo denominacionalismo ou “fundamentalismo” do outro. Qual o sentido, perguntou, de comparar, digamos, o mormonismo com o Baha’ismo, um Teilhard de Chardin com um Aurobindo, um jesuíta tendencioso com um *ayatollah* “fundamentalista”? Eis como Kelly se expressou:

A confusão é inevitável sempre que culturas baseadas em tradições espirituais profundamente diferentes misturam-se sem proteções rígidas que preservem sua pureza. O cruzado com a cruz brasonada no peito e a tanga e o bastão de Mahatma Gandhi

quando visitou a Europa são imagens do tipo de precaução sensata quando se viaja em um território espiritualmente estrangeiro. O viajante moderno com seu chapéu coco e terno listrado está protegido por essa vestimenta contra qualquer falta de seriedade ao discutir negócios. De proteções mais importantes ele não sabe nada. O completo secularismo do mundo ocidental moderno, em todos os lugares aonde chegou sua influência, abriu as comportas para uma confusão que varre para longe os contornos do espírito... As normas tradicionais... fornecem os critérios para a cultura e a civilização. A ortodoxia tradicional é, assim, o pré-requisito de qualquer discurso entre as Tradições.”⁴

3) O Ciclo Descendente

Os hindus dizem que um ciclo temporal completo (um *Mahâyuga*) consiste em quatro *yugas*, os quais correspondem ao conceito grego das quatro idades: idade de ouro, de prata, de bronze e de ferro. O nome hindu para a Idade de Ferro é *Kali-Yuga*, que significa literalmente “Idade Sombria”, e os hindus asseveram, não somente que estamos na *Kali-Yuga*, mas que estamos agora em sua *última fase*. Qualquer um que esteja consciente do gigantesco declínio moral e social das últimas décadas não terá dúvidas de que essa noção seja plausível. E isto tanto mais quanto a doutrina cristã (e islâmica) a respeito do “final dos tempos” é quase idêntica a este conceito da “última fase” da *Kali-Yuga*.

Ninguém sabe exatamente quando começou a *Kali-Yuga*, mas ela certamente inclui todo o período dito “histórico”, de aproximadamente três mil anos. Significativamente, desde o começo ela foi marcada pela presença do mal. Por exemplo, já há muitos séculos, o Budismo foi expulso da Índia, com horrível crueldade; houve a entrada dos exércitos muçulmanos na Índia, algo que, ao menos no começo, foi marcado por massacres e pela destruição de templos; houve guerras incessantes em países budistas como o Tibete e o Japão; e houve a pilhagem, os saques e a rapinagem das Cruzadas, de que foram vítimas principalmente os indefesos cristãos não-católicos e judeus *shtetl* que os cruzados encontraram no caminho para a Terra Santa – onde os muçulmanos, ao contrário, tinham como se defender. Alguns séculos depois, houve a subjugação e a humilhação dos índios nômades das pradarias da América do Norte pelos protestantes e a supressão violenta dos índios da América Central e do Sul pelos católicos.

Durante a *Kali-Yuga*, tem ocorrido uma série de quedas ou revoluções, cada uma das quais introduziu uma nova e pior fase². Uma queda decisiva foi a Renascença, no século XV, que, tanto intelectual quanto artisticamente, pôs um fim na Idade Média (já dois séculos depois de seu zênite), bem como na civilização cristã integral (a “era das catedrais”, a “era da fé”). Desde então, tem havido uma sucessão de quedas análogas: em seguida à monstruosidade da arte barroca³ do século XVII, tivemos no século XVIII o “Iluminismo” (sintetizado por Voltaire, Rousseau e pelos enciclopedistas) e, continuando-o, a Revolução Francesa; a seguir, veio a Revolução Industrial e, depois, nos séculos XIX e XX, o nefasto quinteto composto por Darwin, Marx, Freud, Jung⁴ e

² O Profeta Mohammed disse: “Não virá a vós nenhuma época que não seja seguida por uma pior.”

³ A fim de que tal juízo não pareça peremptório, que se me permita explicá-lo: a pintura, a arquitetura e a escultura barroca – em contraste com os estilos romanesco e gótico da Idade Média – indicam com muita clareza que a antiga ciência do simbolismo tinha-se perdido. Na arte barroca, há uma total ausência de profundidade, sutileza e de qualquer consciência do mundo invisível dos arquétipos. À diferença da arte medieval, a arte barroca é superficial, não profunda.

⁴ Jung é geralmente visto como um anjo de luz. Seu erro fatal passa despercebido. Jung é totalmente incapaz de

Teilhard de Chardin. Hoje, a influência destes cinco revolucionários pode ser vista e sentida em toda a parte à nossa volta, a de Teilhard de Chardin sendo particularmente manifesta no Concílio Vaticano 2º, ocorrido de 1962 a 1965. Este concílio coincide com a “revolução *hippie*” dos anos 1960. Com esta última queda, tudo o que pudesse ser reconhecido como “moralidade” começou a desaparecer do domínio público; a moralidade foi substituída pelo “politicamente correto”. E, tendo mencionado os cinco principais revolucionários, é preciso citar também alguns dos principais destruidores nos campos da arte, da arquitetura, da música e da literatura, como Picasso, Le Corbusier, Schoenberg, James Joyce, para não falar de toda uma legião de outros.

Um aspecto particularmente característico da *Kali-Yuga* – e especialmente de sua “última fase” – é não simplesmente a frequência e a atrocidade da violência e das guerras, mas acima de tudo o fato de que essas guerras em sua maioria tomam a forma do conflito interreligioso.

Contra toda evidência, o humanista secular sustenta que, por meio da “ciência” e da “razão”,⁵ a religião no fim desaparecerá. Isso está longe de ser verdade: a religião, a crença em Deus, está profundamente inscrita no coração dos homens; ela não pode ser extinta. Apesar disso, não é difícil ver que a religião também tem um lado negativo, que é o fato de que todas as grandes religiões mundiais estão ancoradas em imensas coletividades religiosas que, para dizer o mínimo, estão sujeitas, numa constante aceleração, à “transformação e decadência”: estas coletividades, e seus autoescolhidos líderes, exploram a religião, distorcem-na e a transformam num “denominacionalismo” superficial e de espírito competitivo. Embora a mensagem eterna presente no coração de cada religião não possa mudar, fica muito claro que ela pode ser esquecida.

A queda acelerada da última fase da *Kali-Yuga* (o “final dos tempos”) se revela – em turbulenta profusão – nas “quedas” mencionadas acima: o Renascimento, o Iluminismo, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, a era das máquinas (levando no fim à era da tecnologia), o advento de uma legião de “anticristos” nos séculos XIX, XX e XXI (os quais, ao mesmo tempo ou em rápida sucessão, desencadearam um solapamento sem precedentes da fé), a “revolução” *hippie* e, para rematar tudo, o Concílio Vaticano 2º.⁶

Esta “última fase” da *Kali-Yuga* é algo que ainda está em nossa lembrança: as duas guerras mundiais, o comunismo, o nazismo, Hiroshima e Nagasaki. Mas ela também está conosco todos os dias: em tempos ainda mais recentes, o “terrorismo” e a “limpeza étnica” brotaram por toda parte; e por fim, seguindo-se ao ataque a Nova York em setembro de 2001 – e à reação fundamentalmente equivocada, quanto a seu alvo, que tal ataque produziu – há o surgimento em escala mundial do que é mal definido como “terrorismo islâmico”. Sim, de fato, é uma “Idade Sombria”. É uma história de ininterrupta escuridão,

distinguir entre a alma e o Espírito (o *Intellectus* de Eckhart), o que na prática significa a “abolição” do Espírito. De um só golpe, ele abole a capacidade de objetividade e, também, de espiritualidade. O caos e os danos que resultam desse ato de cegueira antiplatônica são incalculáveis. Somos deixados perdidos num reino satânico em que tudo (a verdade, a moralidade, a arte) é relativo.

⁵ Estes dois itens foram colocados entre aspas porque o que os humanistas seculares entendem por ciência e razão tem pouco a ver com a *scientia* e a *ratio* da filosofia greco-romana e medieval.

⁶ Meus comentários severos ao Concílio Vaticano 2º são apresentados aqui sem as necessárias explicações quanto ao que ele realmente foi e em que contexto ele se deu. Para um tratamento completo da matéria, vide *The Destruction of the Christian Tradition*, de R.P.Coomaraswamy (World Wisdom Books, Bloomington, Indiana, 2006) e, para um resumo, vide *Invincible Wisdom*, de minha autoria (Sophia Perennis, San Rafael, CA. EUA, 2008), pp. 97-105. (Nota do tradutor: ver em português, de R.P.Coomaraswamy, *A Destruição da Tradição Cristã*, T.A.Queiroz, São Paulo, 1990, que é um livro diferente do homônimo inglês citado acima, mas cujo terceiro capítulo aborda a mesma questão.)

tanto em termos de impiedade quanto de sofrimento. E uma crença vã, ainda que teimosa, no “progresso” não pode fazer nada para alterá-la.

Trata-se, incontestavelmente, de uma espiral descendente – e aparentemente sem fim. Diante de tal quadro, que consolação, que esperança, poderíamos ter?

Quer as entendamos ou não, podemos, neste contexto, lembrar das palavras de Frithjof Schuon: *La miséricorde perce partout* (“A misericórdia brota em toda parte”). É possível que seja verdade? Bem, que cada um de nós considere, de forma implacável e objetiva, o que essas palavras podem significar.

Os exemplos seguintes de reconhecimento e respeito mútuo entre duas importantes religiões manifestam de forma poderosa essa “misericórdia que brota em toda parte”. Que eles possam nos ajudar a entender os ameaçadores “sinais dos tempos”, a resistir a eles e, interiormente, escapar deles.

Esta compilação é uma mensagem de esperança e de confiança em Deus.

William Stoddart

Atitudes cristãs em relação ao Islã

1) OS EVANGELHOS E OS ATOS DOS APÓSTOLOS

Princípios fundamentais e linhas mestras

Mas eu tenho outras ovelhas que não são deste redil. (*João, 10, 16*)

Na casa de meu Pai há muitas moradas. [*Isto se aplica não somente ao Céu, mas também à terra: Sicut in Caelo et in terra.*] (*João, 14, 2*)

[*Depois de falar com o centurião romano:*] Na verdade eu vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé. Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino serão postos para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes. (*Mateus, 8, 10-11*)

Os inimigos do homem serão de sua própria família. (*Mateus, 10, 36*)

Quando vedes levantar-se uma nuvem no poente, logo dizeis: ‘Vem chuva’, e assim acontece. E quando sopra o vento do sul, dizeis: ‘Vai fazer calor’, e isso sucede. Hipócritas, sabeis discernir o aspecto da terra e do céu, então por que não discernis o tempo presente? (*Lucas, 12, 54-56*)

Tomando então a palavra, Pedro falou: ‘Dou-me conta, em verdade, de que Deus não mostra parcialidade, mas que, em qualquer nação, quem O teme e pratica a justiça Lhe é agradável.’ (*Atos, 10, 34-35*)



Meryem Ana Evi (A Casa da Virgem), Éfeso, Turquia, exterior.

2) A VIRGEM MARIA

A Casa em Éfeso (*Meryem Ana Evi*)

Muitos cristãos e muçulmanos acreditam que esta Casa, perto de Éfeso, na Turquia, é o local onde a Virgem Maria viveu depois da Crucificação. Ela fugiu de Jerusalém para lá, acompanhada de São João Evangelista, para escapar da cólera dos judeus. Muitos acreditam que Éfeso é o local da Assunção ou Dormição. Outros, contudo, acreditam que isso aconteceu em Jerusalém, para onde, conta-se, Maria retornou pouco antes de morrer. Durante os muitos anos em que viveu em Éfeso, ela recebeu a visita de vários dos Apóstolos.

Em turco, a Casa é chamada *Meryem Ana Evi* (“A Casa da Mãe Maria”) ou *Panaya Kapulu* (“A Capela do Toda-Santa”). A descoberta da casa, e sua autentificação, foram descritas pelo poeta alemão Clemens Von Brentano (1778-1842) e depois, mais completamente, por dois missionários lazaristas de Smyrna (Izmir).

Atualmente, esta casa é visitada por grandes grupos de muçulmanos turcos – e grandes grupos de crianças – nos feriados da Turquia. Muitos deles caminham tranquilamente em volta da casa, rezando em silêncio. Alguns fazem as orações islâmicas formais, dependendo do momento do dia em que ali estejam.

A casa é de propriedade da Igreja Católica, que a administra, e um padre e freiras vivem junto a ela. O edifício, de fato, foi disposto como uma pequena capela com um altar, e todos dias é celebrada missa ali. Ele tem um cômodo (que foi o quarto de dormir de Maria)

no qual os muçulmanos podem fazer suas orações formais. Os tapetes de oração são fornecidos pela Igreja. Frequentemente o padre tem condições de se encontrar com os turcos – sozinhos ou em grupos – que vêm visitar o local, e contar a eles a história da casa.

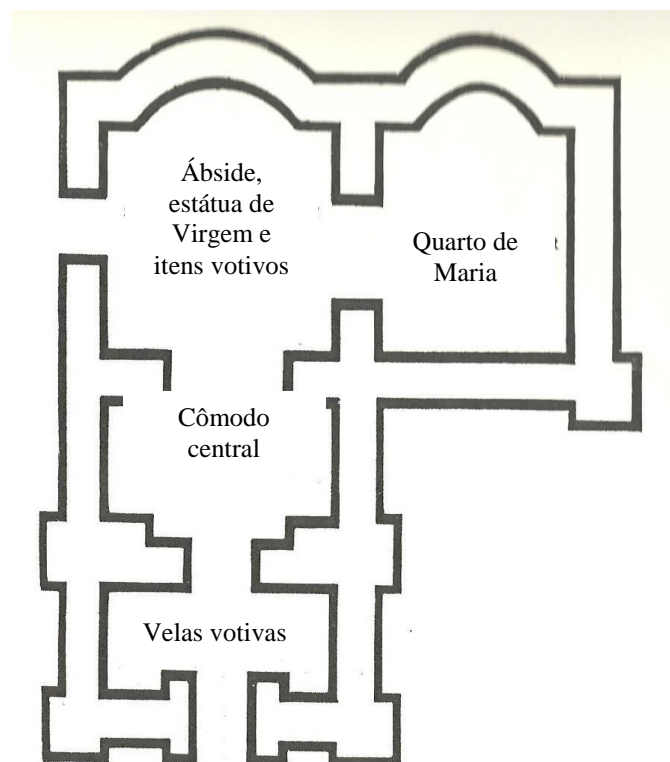
Muitos católicos da Europa ocidental, e também cristãos ortodoxos da Grécia, da Rússia e de outros países da Europa oriental fazem piedosas visitas a esta casa; da mesma forma, ela recebe a visita de protestantes.

De sob a casa brota uma fonte que, acredita-se, tem poderes de cura. Muitas oferendas votivas e lembranças foram deixadas na casa por muçulmanos, católicos e ortodoxos, que, depois de beber da água da fonte, ou de fazer suas orações à Virgem, receberam favores ou foram curados.

A basílica erguida em honra de São João e que contém seu túmulo fica ali perto, como também fica perto da grande e antiga mesquita chamada de “Mesquita do Senhor Jesus”.

Éfeso é um centro de peregrinação tanto para o Cristianismo como para o Islã. Ali, a Virgem traz bênçãos a cristãos e muçulmanos sem distinção.

Um símbolo exterior do espírito de Éfeso é a atitude positiva do padre e das freiras para com os muçulmanos, e a atitude positiva tanto das autoridades turcas quanto do povo turco, em primeiro lugar, para com o santuário da Virgem Maria em si mesmo e, depois, para com a presença cristã e os peregrinos cristãos.



Meryem Ana Evi (A Casa da Virgem), Éfeso, Turquia, planta

3) PAPAS

a) Papa Pio XI (1857-1939)

As seguintes palavras foram pronunciadas pelo Papa Pio XI quando despachava seu Delegado Apostólico para a Líbia, em 1934.

Não pense que você está indo para o meio de infiéis. Os muçulmanos alcançam a salvação. Os caminhos da Providência são infinitos. (*L'Ultima*, Florença, Anno VIII, 1934.)

b) Papa Pio XII (1876-1959)

Nos anos 1950, o papa Pio XII declarou:

O quão consolador não é para mim saber que, por todo o mundo, milhões de pessoas, cinco vezes por dia, se curvam diante de Deus.

4) CARDEAIS

a) Nicolau de Cusa, Cardeal de St. Pierre-aux-Liens (1401-1464)

A diferentes países Tu enviaste diferentes profetas e diferentes mestres, uns numa época, outros noutra. Mas é uma lei de nossa condição de homens desta terra que um hábito antigo torna-se para nós uma segunda natureza, que ele é tomado por uma verdade e defendido como tal. É daí que surgem grandes dissensões, quando cada comunidade opõe sua própria fé a outras fés.

E se há de ser impossível remover esta diferença quanto a ritos, e esta diferença deva mesmo parecer necessária a fim de aumentar a devoção (cada religião se apegando com maior devoção a suas cerimônias, como se elas assim agradassem mais Tua Majestade), no entanto, ao menos, dado que Tu és único, não há senão uma religião e uma adoração. (*De Pace Fidei*, 6 [1450])

b) Cardeal Tisserant, Deão do Sacro Colégio dos Ritos (1884-1972)

Na época atual, quando o neopaganismo materialista está lutando por comprometer e destruir os valores espirituais, possa o exemplo da fé de Abraão dar coragem a todos os que aprenderam a admirá-la – judeus, cristãos e muçulmanos –, inspirando-os com uma confiança invencível na Onipotência d'Aquele que quer somente responder às orações dos que rezam a Ele. (Do prefácio do número de junho de 1951 dos *Cahiers Sioniens*, que foi dedicado a *Abraão, Pai dos Crentes*.)

5) BISPOS CATÓLICOS

a) Bispos católicos da Nigéria

As palavras de encerramento da primeira Carta Pastoral Conjunta dos Bispos Católicos da Nigéria desde a independência daquele país:

Expressamos sentimentos de amor fraterno para com nossos concidadãos muçulmanos... Estimamos seu profundo espírito de oração e sua notável fidelidade ao jejum penitencial... Estamos unidos contra as tendências materialistas e secularistas. (*Catholic Herald*, 21/10/1960.)

b) O bispo de Gerona († 954) e o príncipe Al-Hakam († 976)⁷

Uma das ideias preconcebidas que mais dificultam a compreensão de como se desenvolveu a cultura na região da Catalunha é a que sustenta que entre cristãos e muçulmanos não houve outros contatos que não os do campo de batalha. Um estado de guerra não era nem permanente, nem geral ... E nunca se tratava de aniquilar o inimigo, mas meramente de arrancar dele o mais importante botim.

As relações comerciais entre cristãos e muçulmanos eram constantes; viajantes que passavam pelas duas regiões cruzavam a fronteira; frequentemente chegavam embaixadores de nossos príncipes à corte de Córdoba, que era tão resplandecente quanto a do imperador de Bizâncio; os exércitos, comandados por príncipes e bispos, se punham a serviço de muçulmanos, até mesmo para lutar contra outros cristãos.

Nada poderia ser mais falso do que imaginar uma permanente cruzada, quando com frequência havia relações pacíficas e mesmo amigáveis. Este termo não é demasiado forte, se pensarmos que Gotmar II, que foi bispo de Gerona de 940 a 954, dedicou uma de suas obras ao príncipe Al-Hakam, filho do califa ‘Abd Ar-Rahmân III. A obra era a *Chronica gesta Francorum*, ou, mais exatamente, uma série genealógica de Clóvis a Louis IV d’Outremer (481-939), na qual o autor se distancia de seu tema para indicar acontecimentos que tiveram uma ligação estreita com a história muçulmana. Escrita em 940, a obra foi encontrada oito anos depois em Fostat, no Egito, pelo historiador árabe Al-Massadé, que a resumiu no capítulo 35 de seus *Prados Dourados*. É certo que a amizade entre o bispo Gotmar e a família dos Omíadas datava de uma viagem feita pelo prelado à cidade de Córdoba. Quando, e em que função? Talvez como embaixador, mas não temos detalhes. Seja como for, o maravilhoso escrínio, coberto de prata lavrada e esmaltado, que é conservado na Catedral de Gerona e traz o nome de Al-Hakam, talvez seja um testemunho da gratidão do príncipe pelo trabalho historiográfico do bispo.

⁷ Nicolau d’Oliver, *La Catalogne à l’époque romane* [a Catalunha no período romanesco] (Leroux, Paris, 1932), p. 185.

c) O bispo de Trípoli⁸

Jemberié (meu servo) ficou muito surpreso quando, abrindo a porta uma noite, viu-se face a face com o bispo de Trípoli, que tinha vindo me visitar. A ideia de que um tão elevado dignitário estivesse prestes a entrar um recém-caiado *fondouq* o deixou um tanto confuso, dado que ele não conseguia decidir o que era maior: a honra de tal visita ou a vergonha e ser obrigado a receber pessoa tão eminente numa choupana até havia pouco usada apenas por pastores de camelos. O vigário apostólico, contudo, não se incomodou com tais considerações.

Ele era um homem nos seus cinquenta anos, atarracado, obeso e de pescoço curto. Olhava para as pessoas com os olhos semicerrados, através de óculos de vidros espessos, o nariz erguido como um cão farejador em busca de uma pista, e com os dedos, num dos quais usava o anel episcopal, coçando a espessa barba. Depois de ter ouvido um argumento e ter-se decidido em relação a ele, ele juntava as mãos como se em oração e, com voz profunda e grave, definia a situação ou dava seu parecer numas poucas frases precisas e sem adornos que não admitiam mais discussão.

Ele tinha um excelente conhecimento do hebraico, do árabe, do persa, do turco e do albanês. Ninguém, em toda a cidade, com exceção do chefe da família Muntasser, era capaz de conversar com ele em árabe clássico, o qual era uma delícia de ouvir. Quando os sobrinhos do chefe estavam presentes, ouviam de boca aberta, sem entender uma palavra, e o bispo voltava-se para o chefe e, falando no dialeto local, dizia que estava surpreso de encontrar jovens muçulmanos incapazes de entender sua própria língua; fingindo indignação, ele chamava atenção para o fato de que ele, um cristão e um estrangeiro, conhecia o árabe melhor do que eles, que eram árabes e muçulmanos. O velho Muntasser divertia-se a valer e esfregava as mãos de prazer diante do embaraço dos jovens.

A lei canônica islâmica não tinha segredos para o bispo; o conhecimento que ele tinha dela era tal que a Alta Corte com frequência lhe submetia as mais complicadas questões, pedindo sua opinião.

A primeira vez que me convidou para ir à sua casa ele se recusou a me deixar examiná-lo, falou-me de seu diabetes como se não tivesse nenhuma ligação consigo, e terminou contando-me a história de Muhyi'd-Dîn Ibn 'Arabî, um famoso místico árabe que viveu por volta do ano 1200, do qual eu não tinha nunca ouvido, mas de cuja vida ele conhecia todos os detalhes.

Eu já tinha perdido o fio desta história quando o cádi entrou com um pacote de papéis sob o braço. Os dois se aproximaram e, curvando a cabeça, começaram a falar rapidamente e em voz baixa. Os papéis eram passados de um para o outro, virados e revirados, enquanto ambos deslizavam seus indicadores pelas linhas do texto, parando aqui e ali para enfatizar frases e palavras. De pouco em pouco, o bispo batia numa folha com as costas da mão, exclamando que não havia nenhuma dúvida: o caso era exatamente aquele! O cádi concordava, mas então sussurrava uma sugestão que fazia reiniciar todo o exame do problema.

⁸ Extraído de *A Cure of Serpents*, pelo duque italiano Alberto Denti di Pirajno, Governador de Trípoli em 1941 e médico (Pan Books, Londres, 1957), PP. 151-160.

Por uma ou outra razão, o bispo afeiçoou-se a mim. A incorrigível coloquialidade de meu árabe o divertia. Numa voz agradável, com as mãos pousadas sobre as coxas, ele me perguntava em que antros eu tinha aprendido aquelas expressões não-ortodoxas.

Ele tinha uma excepcional capacidade de identificar situações grotescas e divertidas, e isto contrastava estranhamente com sua aparência grave, seu porte digno, e suas vestimentas episcopais solenes, com seus botões de cor de ametista.

A comunidade judaica tinha por chefe um rabino que era universalmente respeitado por sua integridade e pela solidez de sua doutrina. Ele era um meritório talmudista, mas era prejudicado por um nariz de proporções tão melancólicas que como que pendia sobre a boca. O rabino trazia sempre um ar tão desolado que a todo momento parecia ter acabado de deixar o Muro das Lamentações. Eu uma vez perguntei ao bispo qual a razão daquele ar tão infeliz, e o que poderia ser feito para consolá-lo.

“Nada”, respondeu, balançando gravemente a cabeça, “absolutamente nada. Este homem, que conhece o Talmude como poucos o conhecem, tem todas as razões para ter tal aparência. Eu me pergunto quantas vezes você mesmo não deixou que seu rosto mostrasse seu desagrado quando esperava por um trem que estava atrasado meia hora. Ora, você dificilmente pode esperar uma expressão jovial e alegre da parte de quem tem estado esperando o Messias há milhares de anos.”

Foi o mesmo bispo que me apresentou para seu melhor amigo naquela cidade – o prefeito árabe de Trípoli.

A amizade entre o bispo e o Pashá era uma das mais extraordinárias que jamais vi. Nunca encontrei dois homens que fossem, na superfície, mais diametralmente opostos em temperamento, mas raramente testemunhei uma amizade mais profunda e mais próxima. O italiano era de origem modesta, enquanto o árabe era o cabeça de uma família principesca que outrora tinha governado o país; o bispo ligava-se à fé pura e simples de São Francisco de Assis, o príncipe era um muçulmano fervoroso e praticante; o humilde cristão tinha uma erudição enciclopédica, o nobre muçulmano era iletrado.

O Pashá nunca recusou dar esmola a um pedinte, mas, se o pedinte se dirigisse a ele como *Sîdî* (“meu Senhor”), ele diria: “Seu Senhor, meu Senhor, é *Allâh*.” Ele não era rico, mas todos os dias era preparada em sua cozinha comida para cerca de quarenta pessoas.

Eu tinha várias vezes perguntado ao bispo sobre sua amizade com o Pashá, esforçando-me, em minha curiosidade, por descobrir em que ela se baseava. Ele sempre respondia de forma evasiva; algumas vezes, ele simplesmente não respondia, e limitava-se a erguer os ombros e soprar em sua barba.

Quanto mais conheci o nobre árabe, contudo, mais descobri o que tinham em comum – por exemplo, sua indiferença à doença, seu completo descaso com considerações materiais, sua profunda compreensão do sofrimento e da miséria humanos, e sua caridade, intocada pelo egoísmo e desconhecendo limites. Ambos se submetiam a uma Vontade superior com a fé cega de crianças.

A certa altura, eu compreendi que, assim como os vários elementos de um mosaico formam um desenho simples quando postos juntos, as atitudes mentais dos dois amigos eram parte de uma concepção espiritual única que eu por fim fui capaz de reconhecer.

Um dia, quando estava ajudando o bispo a arrumar seus livros nas prateleiras de sua biblioteca, anunciei que tinha finalmente entendido por que ele e o Pashá eram amigos tão próximos; disse que a amizade entre os dois era uma amizade entre franciscanos. Ele continuou a virar as páginas de um livro que tinha nas mãos, como que procurando ali uma resposta. Após uns instantes de silêncio, fechou o livro e disse: ‘Você se expressa mal. Você deveria saber que um muçulmano não poderia ser um monge franciscano, e eu mesmo sou por demais indigno da túnica que uso para me chamar de franciscano. O Pashá é um homem de grande coração e humildade exemplar, que pratica as três virtudes canônicas da maneira mais admirável... Eu aprendi muito com este homem; é por isto que somos amigos.’

O mais jovem dos dois amigos morreu antes. Eu estava muito longe de Trípoli quando isso aconteceu, e somente depois fiquei sabendo que o vigário apostólico tinha morrido serenamente, rodeado de seus *confrères* e freiras, segurando a mão de seu velho amigo, o Pashá, que, de tão pesaroso, parecia transformado em pedra; naquele mesmo momento, na catedral, na mesquita e na sinagoga homens de diferentes fés pediam a Deus que adiasse a hora apontada.

Parece altamente provável que tenha sido a este bispo de Trípoli que o Papa Pio XI, em 1934, dirigiu as palavras citadas no item 3.a).

6) MONGES CATÓLICOS

a) Adelhard de Bath

(Monge beneditino inglês do século 12)

Para que não se pense que alguém tão ignorante quanto eu elaborei estes pensamentos por mim mesmo, declaro que eles vieram de meu estudo dos árabes. Não gostaria – caso algo que eu diga desagrade certas mentes limitadas – que fosse eu a desagradá-los, pois sei muito bem o que os verdadeiramente sábios devem esperar do homem comum. Portanto, eu tomo o cuidado de não falar por mim mesmo; falo apenas pelos árabes.

b) O Monge e o Califa

História de um monge beneditino alemão do séc. 10 e de ‘Abd Ar-Rahmân III (que reinou de 912 a 961)⁹

A maneira paciente e sutil com que ‘Abd Ar-Rahmân lidou com um embaixador particularmente obstinado fornece um caso histórico que poderia ser estudado com proveito por qualquer diplomata iniciante decidido a superar a média de competência em sua profissão. A data é 957, quando uma embaixada foi enviada a ‘Abd Ar-Rahmân III por Otão, o Grande, então Rei da Alemanha, e que depois seria Imperador. O ponto central que se levantou foi de fato o mesmo daquela velha adivinha: “O que acontece quando

⁹ Extraído de *Spain under the Crescent Moon*, de autoria de Angus Macnab (Fons Vitae, Louisville, Kentucky, 1999), pp. 62-70.

uma força irresistível encontra um objeto inamovível?” Evidentemente, não há resposta; a única esperança é evitar que se choquem, e foi isso que causou ao Califa tanto incômodo, pois, embora em sua própria esfera seu poder fosse irresistível, a vontade do monge da história não era menos inamovível.

O impasse aconteceu assim. Por razões que não são conhecidas, ‘Abd Ar-Rahmân tinha enviado uma embaixada alguns anos antes ao “grande chefe de Alemanha”. A carta que ele enviara continha as frases costumeiras sobre a grande do Califado do Ocidente, mas fora longe demais, e continha algumas expressões desagradáveis a ouvidos cristãos. Como ‘Abd Ar-Rahmân não era nem um tolo nem um fanático, é provável que as passagens objetáveis fossem devidas à asneira de algum oficial da corte, mas elas deixarão o Rei Otão furioso, e ele deteve os embaixadores por três anos, enquanto se recusava firmemente a ter quaisquer outros contatos com eles.

Contudo, algo tinha de ser feito, e então Otão decidiu enviar uma contraembaixada, não tanto para lidar com questões políticas quanto para responder no mesmo gênero às passagens da carta do Califa que eram ofensivas. A carta foi composta pelo irmão de Otão, São Bruno, o Grande, Arcebispo de Colônia, na mesma língua da carta do Califa, o grego, considerada língua intermediária entre o árabe e o latim, e ela devolvia insulto por insulto; por isso, um mensageiro destemido se fazia necessário, um homem que não tremesse diante da cólera do Califa.

Um monge chamado João, da abadia beneditina de Gorze (ou Görtz), na Alsácia-Lorena, ofereceu-se para a missão, já preparado para o sacrifício de sua vida, se necessário (*Johannes sese offert spe martyrii*); ele depois tornou-se abade do monastério e foi canonizado como São João de Gorze. Com ele, como companheiro, foi um discípulo chamado Garamannus (Hermann?), que escreveu um relato da missão inteira. Apesar da carta descortês, a Abadia de Gorze forneceu por si mesma ricos presentes para o monge levar ao Califa.

Os dois monges viajaram a pé até Viena, onde tomaram um barco para descer o Ródano e, depois, seguiram por mar até Barcelona. A primeira cidade muçulmana a que chegaram foi Tortosa, onde o governador os tratou com grande consideração e os ajudou no resto de sua viagem até Córdoba.

Lá chegando, ficaram alojados numa casa a duas milhas do palácio real, e foram tratados com generosidade real, mas não foram convidados a apresentarem as cartas de credenciamento. Sua situação era de fato a de um luxuoso aprisionamento. Quando perguntaram a razão da demora, disseram-lhes que, dado que os embaixadores de Córdoba tinham sido detidos por três anos na Alemanha, eles ficariam retidos em Córdoba por nove anos. Na verdade, contudo, o Califa estava protelando qualquer ação com o intuito de ganhar tempo para decidir o que fazer. Ele se via agora numa situação impossível, pois tinha uma ideia bem clara do conteúdo das cartas, e também o tinham, infelizmente, alguns de seus súditos. Ora, se ele recebesse os embaixadores e os deixasse ler as cartas, seria obrigado a acusá-los de ofender o Islã e o Profeta. Contudo, matar um convidado, mesmo que seja seu pior inimigo – para não falar de um embaixador – é um crime aos olhos dos muçulmanos. Por outro lado, se ouvisse o conteúdo das cartas sem retaliação, seria ele que estaria cometendo um crime, pois a lei dizia que qualquer um que tolerasse a blasfêmia era tão culpado quanto o próprio blasfemador. Se isto se aplicava a todos os muçulmanos, até os mais humildes, que dizer do próprio Califa, Comendador

dos Crentes? Outras consequências indesejáveis poderiam ser a um estado de tensão com os cristãos e, no pior dos cenários, uma guerra com o Império Alemão!

Depois de muita consideração, o Califa comissionou um judeu de destaque, como uma terceira parte, neutra, para tentar persuadir os monges a visitar o palácio sem apresentar seus documentos. João se recusou a isso, e os dois monges foram mantidos em isolamento por mais alguns meses. O personagem seguinte a visitá-los foi o bispo mozárabe dos cristãos de Córdoba. Como o bispo e o monge podiam falar à vontade em latim, ficou-nos um relato da conversa, que mostra aspectos interessantes do estado da Igreja sob o domínio muçulmano naquela época. Os dois clérigos começaram por falar de todo o tipo de coisas, mas por fim o bispo revelou a verdadeira razão de sua visita, qual fosse, o desejo de ‘Abd Ar-Rahmân de receber a embaixada apenas com os presentes.

“E o que devo fazer com as cartas?”, perguntou João. “Não fui enviado especialmente para entregá-las? Foi ele o primeiro a pronunciar blasfêmias, e tudo o que fazemos é refutá-las.”

O texto não está completo, mas podemos ler uma grande parte da resposta do bispo:

“O senhor não conhece as condições sob as quais vivemos. O Apóstolo nos proíbe de resistir aos poderes do mundo... É uma grande consolação para nós... viver de acordo com nossas próprias leis... Os mais fervorosos observadores dos preceitos cristãos são os que recebem maior consideração, enquanto os judeus [*que não reconheciam o Messias*] são menosprezados pelas duas comunidades. Nossa situação exige de nós a conduta que seguimos, e não fazemos nada contrário à nossa religião. Em outros aspectos, comportamo-nos com obediência, e é por isso que acredito que seria melhor suprimir aquela carta, que pode desnecessariamente alimentar as paixões contra o sr. e contra nós.”

João hesitou por um instante, mas logo se recompôs e recusou-se a ceder:

“Como pode o senhor usar tal linguagem, bem o senhor, que passa por ser um bispo? Não é o senhor um confessor da fé, e não foi elevado ao posto que ocupa a fim de defendê-lo? ... E, contudo, por considerações humanas o senhor se afasta da verdade e, longe de incentivar os outros a proclamá-la, foge ao seu dever. Teria sido melhor, e mais apropriado a um verdadeiro cristão, sofrer todos os apertos da miséria a aceitar do inimigo um alimento prejudicial à salvação dos outros.”

João então criticou certo número de práticas da igreja mozárabe.

“Como é possível que leveis tal vida? Ouvi dizerem que vos submeteis ao que a Igreja Católica considera odioso: contaram-me que os vossos fiéis se circuncidam, apesar da ordem do Apóstolo, e se abstêm de certos alimentos, somente porque os médicos deles os proíbem.”

“A necessidade nos força a isso”, respondeu o bispo, “caso contrário não poderíamos viver em meio a nossos conquistadores, e, além disso, tudo o que fazemos já era feito por nossos antepassados, e seu costume nos ensinou a fazer o mesmo.”

“Nunca”, disse João, “poderei aprovar que se faça qualquer coisa de diferente do que o que está ordenado, seja por amor ou por temor.”

E acrescentou que nada no mundo o faria abandonar sua resolução. Quando isso foi

relatado ao Califa, que era um homem experiente no lidar com os corações humanos, este deixou que algum tempo se passasse antes de tentar qualquer outra coisa.

Seis ou sete semanas depois, quando outros mensageiros do Califa não tinham conseguido nada de diferente e estava claro que ameaças pessoas não produziriam nenhum resultado, sugeriu-se a João que sua atitude poderia redundar numa perseguição geral aos cristãos. Garamannus relata a questão assim:

“No dia do Senhor e em algumas das principais festas de nossa religião, como o Natal, a Epifania, a Páscoa, a Ascensão, Pentecostes, a festa de São João e outras, os cristãos obtiveram permissão de reparar uma igreja localizada fora da cidade e dedicada a São Martinho”,

e sem dúvida devem tê-lo feito em procissão, pois ele afirma que foram depois acompanhados por doze guardas, a quem ele chama de *sagiones*, na volta da igreja à cidade. João tinham sido autorizado a acompanhá-los, e durante o percurso um mensageiro lhe entregou uma carta – que chamava a atenção por seu tamanho, pois estava escrita num pergaminho retangular – que fazia as ameaças mencionadas acima. Contudo, nem mesmo isso fez o monge desviar de seu propósito.

Por fim, os próprios cristãos mozárabes aproximaram-se dele para tentar chegar a uma solução. João então sugeriu a única solução possível, ou seja, enviar um mensageiro ao Rei Otão pondo-o totalmente a par do assunto e pedindo instruções. O Califa concordou, mas, como não conseguia encontrar ninguém preparado para realizar uma jornada tão longa e arriscada, publicou um édito oferecendo um privilégio especial a qualquer um que se oferecesse para a missão, e todo o tipo de recompensas quando de sua volta.

No secretariado do palácio havia um funcionário cristão chamado Recemundus (Raimundo) que era conhecido por seu perfeito domínio do árabe e do latim. Este sentiu-se atraído pela possibilidade de uma promoção, mas, antes de se voluntariar, pediu autorização para visitar o embaixador para se informar sobre que tipo de homem era Otão, e se, caso aceitasse a missão, poderia ser aprisionado como represália pela detenção do embaixador em Córdoba. João lhe garantiu que não precisava se preocupar com isso, e lhe deu cartas de recomendação para a Abadia de Gorze. Raimundo voltou ao palácio preparado para assumir a embaixada, mas pediu que fosse indicado para o bispado de Iliberis, que então estava desocupado. As autoridades mozárabes concordaram, e Raimundo foi sagrado bispo. Ele recebeu as instruções necessárias e partiu em sua viagem. Em dez semanas, chegou a Gorze, onde foi bem recebido. Era agosto, e o bispo de Metz o reteve ali durante o outono e o inverno, e depois o acompanhou à corte do Imperador, em Frankfurt. Otão provavelmente ficou feliz de pôr um ponto final em toda aquela questão, e concordou com tudo o que foi sugerido; uma nova carta foi redigida, e Raimundo estava de volta a Gorze na Páscoa, e em Córdoba em junho de 959, acompanhado do novo embaixador, Dudo. A nova carta autorizava João a não apresentar a carta anterior e, em vez disso, a negociar um tratado de amizade e paz, para pôr um fim na incursão dos piratas e flibusteiros árabes que estavam causando muitos problemas em territórios do Império, incluindo o sul da França, a Lombardia e mesmo a Suíça. Esses piratas e flibusteiros não passavam de bandos de aventureiros que tinham chegado à Provença vindos da Catalunha, e o Emirado de Córdoba nunca lhes tinha dado qualquer proteção ou encorajamento.

Os novos embaixadores se apresentaram no palácio, mas ‘Abd Ar-Rahmân disse: “Não, por minha vida: que venham antes os primeiros embaixadores; ninguém verá meu rosto

antes daquele monge corajoso que por tanto tempo desafiou minha vontade!” Mas, mesmo agora, havia dificuldades. Quando os vizires chegaram à morada do monge para conduzi-lo ao palácio, encontraram-no com o cabelo e a barba desalinhados e vestindo uma túnica monástica penitencial. Assim não seria possível, disseram os representantes, e o Califa lhe enviou como dádiva dez libras de prata para a compra de uma vestimenta adequada aos usos da corte. João mandou agradecer, mas deu o dinheiro aos pobres. “Não desprezo a dádiva de um rei”, disse, “mas não posso usar nenhuma outra vestimenta que não o hábito de minha ordem.” Quando o Califa ouviu isso, exclamou: “Que venha como quiser, mesmo vestido com um saco; não o receberei de forma pior por isso!”

Assim, finalmente, aconteceu a entrevista. Os monges foram levados ao palácio, com imenso esplendor, por ruas margeadas por tropas com uniforme de gala, e precedidos ao longo do caminho por dervixes dançantes. “Era o solstício de verão”, escreve Garamannus, “e da cidade até o palácio estes mouros não pararam de levantar uma poeira terrível.” Ele sem dúvida não tinha conhecimento da verdadeira natureza do canto sagrado dos dervixes (a palavra persa *darvish* sendo o equivalente da palavra árabe *faqîr*, significando “homem pobre”, no mesmo sentido da “santa pobreza” dos franciscanos), e da grande honra assim conferida pelos representantes de uma religião aos representantes da outra.

Os principais dignitários do Califado vieram ao encontro do embaixador cristão, e o levaram por entre salões deslumbrantes até a presença do Califa, que agora, quase no final de seu reinado de meio século, raramente aparecia em público, e, “como um deus” (*quase numen quoddam*), se ocultava dos olhos de seus súditos. Num ambiente de riquezas inexprimíveis, o Califa, as pernas cruzadas, sentava-se num divã; ele ofereceu a João a palma de sua mão para que a beijasse, uma honra que os príncipes muçulmanos reservavam apenas aos maiores entre a nobreza. Como cristão, deram ao monge uma cadeira para que se sentasse (os muçulmanos geralmente se sentam no chão, sobre tapetes), e, após um prolongado silêncio, ‘Abd Ar-Rahmân começou a falar das razões que o tinham forçado a protelar por tão longo período aquela entrevista. João respondeu, e seguiu-se uma conversa na qual o Califa se mostrou tão cortês e amigável que ganhou a simpatia de João apesar do natural preconceito com que o monge até então o vira. Os presentes foram oferecidos e aceitos, e o monge pediu permissão para retornar a seu país; mas ‘Abd Ar-Rahmân não permitiria seu regresso antes que o tivesse encontrado várias outras vezes e tivesse passado a conhecê-lo melhor.

Após esse encontro, João passou a ter elevada estima pelo Califa, tendo voltado do palácio a seu suntuoso alojamento convencido de que os árabes “não mereciam o nome de bárbaros que constantemente lhes era dado na Europa”. Em subseqüentes audiências, já mais à vontade, ele e o Califa discutiram questões de estado. O Califa perguntou-lhe detalhadamente sobre o poder, a riqueza e os problemas militares de Otão; debateu muitos pontos com João, que não aceitava que ninguém fosse superior a Otão em armas e em cavalos. Nisto, ‘Abd Ar-Rahmân louvou sua lealdade, mas criticou a conduta de Otão de deixar sem punição a rebelião de seu filho e de seu genro, que não tinham hesitado em convocar os húngaros para devastar o império que tinham tentado usurpar.

Quanto ao resto, e aos acordos, se os houve, que foram concluídos entre os dois impérios, não temos informação, pois a crônica de Garamannus termina neste ponto; mas uma coisa é certa: antes que São João de Gorze (o “objeto inamovível”) voltasse para casa, ele tinha passado a nutrir um tão grande respeito e admiração por ‘Abd Ar-Rahmân (a “força irresistível”) quanto ‘Abd Ar-Rahmân já nutria por ele.

7) REIS E CAVALEIROS CATÓLICOS

a) A Sicília no Período Normando (aprox. 1070-1200)

No ano 827 d.C., os árabes (também conhecidos como sarracenos ou mouros) invadiram a Sicília vindos do Norte da África e gradualmente chegaram, por volta de 843, a controlar toda a ilha, tirando-a das mãos do imperador bizantino. O historiador italiano Vincenzo Salerno registra que sob o domínio dos árabes prevaleceu a tolerância religiosa, e que não havia conversões forçadas ao Islã. Ele menciona que as comunidades minoritárias (cristãos e judeus) pagavam impostos à administração islâmica, mas, em sua opinião, muitos sicilianos provavelmente deram boas-vindas à mudança, dado que os impostos tinham sido maiores sob o domínio bizantino.

Salerno diz também: “A influência árabe foi simplesmente colossal. Sob sua administração, a população da ilha dobrou, pois dezenas de vilas foram fundadas e as cidades, repovoadas, particularmente Palermo, que se tornou uma das maiores e mais belas cidades árabes depois de Bagdá e Córdoba. A língua árabe era amplamente falada e teve uma grande influência sobre a fala siciliana, que por fim emergiu como uma língua românica (latina) durante o período subsequente (normando). Até a chegada dos árabes, a língua mais popular fora um dialeto do grego. Sob os árabes, a Sicília tornou-se uma comunidade poliglota; em algumas localidades, falava-se grego, em outras falava-se predominantemente o árabe. Ao lado das mesquitas, havia igrejas e sinagogas.” (Vide adiante uma inscrição poliglota num túmulo cristão.)

A influência islâmica foi particularmente visível nas artes. Ainda existem muitos exemplos disso, particularmente na arquitetura. (Vide adiante a ilustração de uma placa esculpida numa coluna da Catedral de Palermo, com versículos alcorânicos em árabe.)

Salerno escreve: “Os normandos conquistaram Messina em 1061, e chegaram aos portões de Palermo uma década depois, tirando do poder o emir local, mas respeitando os costumes árabes. A conquista normanda da Sicília árabe foi mais lenta do que sua conquista da Inglaterra saxã, que começou em 1066, com a Batalha de Hastings. O reino siciliano dos normandos foi a síntese medieval da tolerância multicultural.

“É interessante considerar que em geral a alfabetização funcional entre os sicilianos era mais elevada em 870 sob o domínio árabe do que em 1870 sob o domínio dos italianos. Em certos aspectos sociais, a Sicília do século XIX ainda parecia muito árabe, especialmente fora das principais cidades, o que se estendeu até os primeiros anos do século XX.”

O rei normando Rogério I (1031-1101) introduziu o catolicismo romano na ilha, mas deu continuidade à política islâmica de coexistência frutífera entre as duas fés – ou antes, entre as três fés, pois o rei latino também via com favor a comunidade grega ortodoxa.

Rogério foi sucedido por Simon de Hauteville (1093-1105), em 1101. Ao morrer, apenas quatro anos depois, Simon foi sucedido pelo famoso Frederico II (1194-1250), que, do mesmo modo, deu continuidade à política de coexistência benigna. Com efeito, da última parte do século XI até o final do século XII, o que houve na Sicília foi uma era dourada de simbiose cristã-islâmica *sob domínio cristão*.

Depois de cerca de 1200, devido à inveja e à pressão papal, as coisas foram mudando gradualmente em favor do catolicismo romano e da hegemonia latina.



Versículos alcorânicos numa coluna da Catedral de Palermo.



Inscrição na lápide do túmulo de uma nobre cristã (1148) na Catedral de Palermo, Sicília. Em cima: hebraico; embaixo: árabe; à esquerda: latim; à direita: grego. As quatro línguas representam as quatro comunidades presentes na Sicília durante o período Normando (aprox. 1070 – 1200).

b) Os Templários

Hugo de Payns (c. 1070-1130) foi um nobre francês da região da Champagne. Como cavaleiro, participou da primeira Cruzada, em 1096. Em 1108, ele foi a Jerusalém uma segunda vez, e decidiu ali residir permanentemente. Foi o fundador da Ordem do Templo de Salomão (os Templários) e seu primeiro Grão-Mestre. Junto com São Bernardo de Claraval (1091-1153), criou a Regra Latina, o código de conduta daquela ordem.

Os cavaleiros templários, enquanto ordem militar-monástica, tinham como missão original trazer a Terra Santa para o controle cristão, mas, durante os séculos XII e XIII, tiveram um importante papel na criação de um clima de respeito pela erudição e espiritualidade da cultura islâmica, tanto na Espanha como na Terra Santa. Nestas duas localidades tão separadas entre si, eles perceberam o terreno comum que havia entre as camadas mais profundas das civilizações cristã e muçulmana.

Escreve Angus Macnab: “Não é de se supor que a Ordem tenha surgido totalmente armada, como Palas-Atena¹⁰, da cabeça de Hugo de Payns, ou tenha sido o fruto de qualquer inteligência humana individual. A função oficial dos Templários, por eles professada, tinha por certo surgido das Cruzadas; mas está claro que, havia tempo, já tinham existido uma série de funções especiais que só esta Ordem poderia realizar. A interação entre a mais elevada espiritualidade cristã e a mais elevada espiritualidade islâmica (Sufismo) na Alta Idade Média exigia uma Ordem completamente soberana, acima de reis e bispos, não sujeito à legislação comum ou mesmo a interditos e excomunhões, e capaz, quando necessário, de se pôr de parte em relação a ambas as civilizações para agir como mediador ou árbitro entre elas. Tal foi o papel dos Templários, e seu efeito benéfico se mostrou mais de uma vez na história da Espanha medieval.” Macnab descreve dois eventos do tipo em seu livro *Spain under the Crescent Moon* (pp. 92-93).¹¹

8) CRISTIANISMO ORIENTAL

a) Bahirâ (monge sírio do século VI)¹²

Abut Tâlib, tio de Mohammed, algumas vezes o levava consigo em suas viagens. Numa ocasião, quando Mohammed tinha nove anos, ou, de acordo com outros, doze, eles viajaram até a Síria numa caravana de mercadores. Em Bustrâ, perto de uma das paradas em que a caravana mequense sempre se detinha, havia uma cela ocupada, geração após geração, por um monge cristão. Quando um morria, outro tomava o seu lugar, e herdava tudo o que estava na cela, incluindo alguns antigos manuscritos. Entre esses manuscritos, havia um que continha a predição de que seria enviado aos árabes um Profeta; e Bahirâ, o monge que agora vivia na cela, era muito versado nos conteúdos desse livro, que o interessava tanto mais quanto ele sentia que o surgimento desse Profeta aconteceria durante sua vida.

Bahirâ tinha muitas vezes visto as caravanas mequenses se aproximarem e fazerem sua parada não longe de onde ficava a cela, mas, quando esta nova caravana pôde ser vista, chamou-lhe a atenção algo que ele nunca tinha visto antes: uma pequena nuvem, bem baixa, movia-se vagarosamente sobre a caravana, de forma a estar sempre entre o sol e um ou dois dos viajantes. Com enorme interesse o monge observou-os enquanto se

10. Referência ao mito grego em que Palas-Atena sai, já totalmente armada, da cabeça de Zeus fendida por uma machadada de Hefáistos. (N. do T.)

11. Para maiores detalhes sobre este pouco conhecido assunto, vide: *L'Islam et le Graal*, de Pierre Ponsoye (Éditions Denöel, Paris, 1957.)

12. Extraído de *Muhammad: His Life based on the Earliest Sources*, de Martin Lings (Inner Traditions, Rochester, Vermont, 2005), pp. 29-30.

aproximavam. E, de repente, seu interesse se transformou em maravilhamento, pois, tão logo pararam, a nuvem deixou de se mover, permanecendo estacionada sobre a árvore debaixo da qual eles se tinham abrigado, enquanto a árvore abaixou seus ramos sobre os dois, de modo que ficaram numa dupla sombra. Bahirâ sabia que tal portento, embora discreto, era de grande significação. Somente uma grande presença espiritual poderia explicá-lo, e imediatamente ele pensou no esperado Profeta. Seria possível que ele finalmente tivesse vindo, e estivesse entre estes viajantes?

Sua cela tinha recebido recentemente um estoque de novas provisões. Reunindo tudo o que tinha, o monge mandou dizer à caravana: “Ó homens de Quraish, preparei alimentos para vós, e gostaria que viésseis a mim, todos, jovens e adultos, escravos e homens livres.” Eles, portanto, vieram até sua cela, mas, apesar do que lhes tinha sido dito, deixaram Mohammed para cuidar dos camelos e da bagagem. Conforme se aproximaram, Bahirâ perscrutou seus rostos, um a um, mas não pôde ver nada que correspondesse à descrição contida no antigo livro, nem parecia haver entre eles ninguém adequado à grandeza dos dois milagres. Talvez nem todos tivessem vindo. “Ó homens de Quraish”, disse ele, “que nenhum de vós fique para trás.” “Nenhum foi deixado para trás”, responderam, “exceto um menino, o mais jovem de todos nós.” “Não o trateis assim”, disse Bahirâ, “mas chamaí-o também, para que ele esteja presente conosco na refeição.” Abu Tâlib e os outros se recriminaram por terem sido tão descuidados. “De fato, merecemos censura”, disse um deles, “por termos deixado para trás o filho de ‘Abdallâh, em vez de o termos convidado para participar conosco deste festim.” Mandaram, então, trazer o menino e o abraçaram e o fizeram sentar-se à refeição com todos.

Um rápido olhar para o rosto do rapaz foi o suficiente para explicar a Bahirâ os milagres; e, olhando-o com mais vagar durante a refeição, o monge percebeu vários traços, no rosto e no corpo, que correspondiam ao que estava no livro. Portanto, quando terminaram de comer, Bahirâ foi até aquele mais jovem convidado e lhe perguntou sobre seu modo de vida, e sobre seu sono, e sobre muitas coisas mais. Mohammed de bom grado respondeu às perguntas, pois o homem era venerável, e as questões eram corteses e benevolentes; nem hesitou ele em erguer seu manto quando o monge perguntou se poderia ver suas costas. Bahirâ já estava seguro, mas, agora, ficou duplamente convencido, pois ali, entre os ombros, estava a marca que ele esperava ver, o selo da profecia exatamente como descrito no livro, e no lugar preciso. Ele se voltou para Abu Tâlib e perguntou: “Qual o parentesco do menino para contigo?” “Ele é meu filho”, foi a resposta. “Ele não é teu filho”, disse o monge, “não pode ser que o pai deste menino esteja vivo.” “Ele é o filho de meu irmão”, disse Abu Tâlib. “E o que aconteceu a seu pai?”, perguntou o monge. “Ele morreu”, disse o outro, “quanto o menino ainda estava no ventre da mãe.” “É a verdade”, disse Bahirâ. “Leve-o de volta ao seu país e o proteja contra os judeus, pois, por Deus, se eles o virem e souberem dele o que eu sei, tramarão o mal contra ele. Grandes coisas estão reservadas a este filho de teu irmão.”

b) Patriarca Nestoriano Ishyob III (reinou de 649 a 660)

Estes árabes não lutam contra nossa religião cristã; não, eles defendem nossa fé, eles reverenciam nossos sacerdotes e santos, e fazem dádivas às nossas igrejas e monastérios.

c) Grão-Patriarca Michael III (reinou de 1169 a 1177)

“Que o muçulmano seja meu mestre em questões exteriores, em vez de o latino me dominar nas questões do espírito. Pois, se estou submetido ao muçulmano, ao menos ele não me forçará a compartilhar sua fé. Mas se estiver sob domínio franco e unido à Igreja Romana, pode ser que tenha de me separar de Deus.” (Citado por Sir Steven Runciman em *Schism*, p. 122)

O historiador Derek Baker comenta: “A experiência bizantina tanto com os latinos quanto com os turcos no século XII revelou que o prognóstico do patriarca estava em grande parte correto.” (*Relations between East and West in the Middle Ages*, Edinburgh University Press, 1973.)

Vide também: Osman Turan: “Les souverains seldjoukides e leurs sujets non-musulmans” (*Studia Islamica*, I, 1953, pp. 65-100)

d) Os Coptas

“O secretário particular de Saladino (1138-1193) e o chefe de seu gabinete de guerra eram ambos cristãos coptas, como o eram os egípcios que derrotaram a Sétima Cruzada.” (De *From the Holy Mountain, Travels in the Shadow of Byzantium*, por William Dalrymple, Flamingo, Londres, 2000.) (Para uma discussão completa de Saladino, vide pp. 88-90.)

e) Os Monges do Monte Atos

A comunidade ortodoxa oriental na península do Monte Atos, no nordeste da Grécia, ainda conserva os estatutos ou cartas originais conferidas ao Monte Atos pelos sultões turcos. Estes documentos foram escritos numa bonita caligrafia árabe, e sempre começam com as palavras: “Em Nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.” Eles garantiram a liberdade religiosa dos monges e também a independência do governo monástico.

A comunidade monástica floresceu sob o domínio turco, mas, tão logo os turcos foram expulsos da Grécia, os monges do Monte Atos começaram a ter problemas com o governo grego modernista e secular.

9) PROTESTANTES

a) O contato com o Islã por parte de um presbiteriano

O carro com os turistas britânicos ia rápido pela estrada marroquina, lançando poeira sobre os camelos que ao longo dela andavam, os burros que nela trabalhavam e os passivos pedestres. Dentro do carro, o roliço guia bérbere indicava os vários pontos de interesse. O excelente inglês de Mohammed (ele falava várias línguas fluentemente), seus olhos pestanejantes, sua túnica de longas listas, sua adaga numa bainha de prata, seu fez vermelho e seu ar de benevolência faziam dele o mais apropriado bem como o mais pitoresco guia da viagem. Era impossível não gostar dele.

Árvores que transmitiam a sensação de frescor, jardins sombreados, flores de cores

brilhantes, paredes brancas – um lugar atraente. “Senhoras e senhores, este é o cassino. Muito bom? É claro que ele é somente para cristãos e hebreus.”

Mais tarde, no almoço, Mohammed, sorridente, recusou-se a servir-se da garrafa de vinho a ele passada por um incoerente inglês. Retribuiu a cortesia, contudo, oferecendo sua própria bebida, uma garrafa de água mineral, gesto que foi rejeitado com uma pilhéria. Mohammed permaneceu impassível.

Ele era, definitivamente, imperturbável. Não lhe surpreendia ver seus passageiros boquiabrirem-se quando um homem se prostrava em oração na calçada – embora ele não desse atenção à pergunta “Por que ele está fazendo isso?”

Mohammed sabia tudo sobre os cristãos. Ele tinha estado na Inglaterra. Com seus próprios olhos ele tinha visto como a religião dos cristãos não impunha freios ao jogo, à bebida e a outras coisas que ele, um muçulmano, não faria. E, portanto, esses turistas, esses cristãos, não o surpreendiam – as mulheres com suas risadas exageradas e roupas imodestas, os homens com sua arrogante ignorância das civilizações não-britânicas. Sua religião tinha pouco para recomendar-se a Mohammed. Não que ele fosse lhes dizer isso: o melhor seria que eles vissem nele o que um muçulmano podia ser.

Faria qualquer diferença argumentar com Mohammed que nem todos os cristãos frequentavam cassinos, bebiam demais ou se comportavam de maneira ignorante ou imprópria? O fato é que em muitos casos, tanto em casa como no estrangeiro, a palavra “cristão” não significa agora tanto “o que pertence ao Cristo” como “o que pertence à civilização ocidental ou segue seu padrão”. Os significados encontrados no dicionário constituem leitura interessante, indo desde “aquele que acredita na religião de Cristo” até “ser humano”. Assim, todo o tipo de coisas são “cristianizadas” – cortes de cabelo, aperitivos, corridas de carros, hotéis de beira de estrada, *poodles*. O nome de Cristo tornou-se tão integrado na língua inglesa que sua origem se perdeu ou foi esquecida.

Será que algo pode ser feito para restaurar o prestígio do nome pelo qual nós, como membros da Igreja de Cristo, deveríamos ser conhecidos? Podemos resgatá-lo de ser meramente sinônimo de “qualquer cidadão do Ocidente”?

E.B.S., *Life and Work*, The magazine of the Church of Scotland (Edinburgo), julho de 1964.

b) Arthur J. Arberry (1905-1969)

*Professor de Árabe na Universidade de Cambridge, Inglaterra*¹³

Ao fazer a presente tentativa de desenvolver o trabalho de meus predecessores, e de produzir algo que pudesse ser aceito como ecoando, por mais fragilmente que fosse, a sublime retórica do Alcorão árabe, tive de me esforçar para estudar os ritmos intrincados e ricamente variados que – além da mensagem em si mesma – constituem a inegável reivindicação do Alcorão de estar à altura das maiores obras-primas literárias da humanidade. Este traço muito característico – “a sinfonia inimitável”, como a chamou Pickthall, “cujos próprios sons levam os homens às lágrimas e ao êxtase – tem sido quase totalmente ignorado pelos tradutores anteriores.

Todas as versões anteriores do Alcorão, como o próprio texto original, tendo sido escritas como prosa contínua, a natureza rapsódica de sua composição foi em grande parte perdida

13. Extratos do prefácio de *The Koran Interpreted* (1955), uma tradução do Alcorão.

para o ouvido e a visão; ao mostrar o texto como apresentado aqui, uma fraca impressão pode ser dada de sua dramática e comovente beleza. Chamei minha versão de interpretação, admitindo a reivindicação ortodoxa de que o Alcorão é intraduzível.

Há uma característica de antigo uso que eu deliberadamente retive: é absolutamente necessário, se se quer evitar confusão, marcar a distinção entre a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural.

Esta tarefa foi empreendida, não levianamente, e levada à sua conclusão num período de grande aflição pessoal, durante o qual ela confortou e sustentou o escritor de uma maneira pela qual ele será sempre grato.

Peço a Deus que esta interpretação, pobre eco que é de seu glorioso original, possa instruir, agradar e, em algum grau, inspirar aqueles que a lerem.

* * *

O Professor Arberry era uma autoridade no Sufismo, e descreveu o Cheikh argelino Ahmad al-'Alawî (1869-1934) como alguém "cujas erudição e santidade lembram a época dourada dos místicos medievais".¹⁴ (Vide item 4.g.)

14. *Luzac's Oriental List*, outubro-dezembro de 1961.

c) Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832)

Aqui vão dois elogios do Islã pelo ilustre poeta.

Spanien

*Herrlich ist der Orient
ubers Mittelmeer gedrungen.
Nur wer Hafis liebt und kennt,
weiss was Calderón gesungen.*

Espanha

Da forma mais gloriosa
Saltou o Oriente o Mediterrâneo.
Só quem a Hafiz¹⁵ conheceu e amou
entende o que Calderón¹⁶ cantou.

Allheit

*Gottes is der Orient!
Gottes is der Okzident!
Nord- und sudliches Gelände
ruht im Frieden seiner Hände.
Er, der einzige Gerechte,
will fur jedermann das Rechte.
Sei von seinen hundert Namen
Dieser hochgelobet! Amen.*

Universalidade

Deus é do Oriente!
Deus é do Ocidente!
Terras do Norte e do Sul
estão na Paz de suas Mãos.
Ele que é o único Justo
Quer justiça para cada um.
De todos os Seus cem nomes,
que este seja altamente louvado! Amém.

(do *Westöstlicher Diwan*)

15. Mohammed Shams ad-Dîn (m. 1389), mais conhecido como Hâfiz, foi o maior poeta lírico da Pérsia.

16. Pedro Calderón de la Barca (1600-1681), dramaturgo espanhol, autor de *La Vida es Sueño*.

10) MINISTRO DE ESTADO

Coronel Juan Beigbeder, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Espanha

Aquele pequeno departamento (o Ministério dos Negócios Estrangeiros da Espanha em 1940) era presidido pelo Coronel Beigbeder, uma das personagens mais interessantes que já conheci. Sua família era de origem bretã. Como muitos outros oficiais espanhóis, ele tinha construído sua reputação no Marrocos. "Somos todos mouros", ele me disse uma vez, e certamente sua figura quixotesca, magro e de pele morena, tinha mais a ver com o Riff e com o deserto do que com aquela sala pequena e atulhada em que ele trabalhava no Ministério dos Negócios Estrangeiros. De tempos em tempos, os ventos da África irrompiam no calor sufocante de Madri e, em meio a uma discussão de alta política, ele começava a entoar em árabe um trecho do exemplar do Alcorão, repleto de magníficas iluminuras, que estava sempre em sua mesa.

Extraído de *Ambassador on Special Mission*, por Sir Samuel Hoare [Lord Templewood], (Collins, Londres, 1946), p. 50

11) CRONISTAS

a) Irmã Mary Campion (Irmã Missionária Médica)¹⁷

Adeus, Karachi!

Nunca poderei esquecer minhas duas últimas semanas. Eu de repente comecei a descobrir em todas as coisas algo sobre que escrever! Mesmo os pequenos burrinhos pareciam “notícia”, quando passavam tilintando diante de nosso portão frontal com aqueles sininhos alegremente amarrados em suas pernas; e que dizer do altivo camelo – aquele bom navio do deserto –, que, com o focinho erguido, faz seu trajeto “estando acima” do resto do tráfego.

Seria muito triste para mim deixar todas aquelas mulherzinhas vestidas de *burkha* que se comprimem em nosso posto médico e se referem a suas crianças como “sagrada família”. E que lindas crianças elas são: grandes olhos negros, ainda mais negros pela sombra do rímel aplicado desde que nascem. Olham para os outros solenemente, com seus brincos, pulseiras, colares, pequenas senhorinhas vestidas com o *silwar* – largas calças – e envolvidas numa fina musselina ou véu de gaze, com que tão graciosamente cobrem a cabeça.

E havia nossas visitas ao pequeno Sherif, um menininho cuja mãe e eu tínhamos nos tornado amigas desde que eu quase me sentara sobre sua filhinha nascida dois dias antes!

17. “Farewell, Karachi!” (*The Medical Missionary*, Osterley, Middlesex, vol. 15, nº 3, maio-junho 1961, p.41).

Como eu poderia saber que a pequena estava enterrada sob a colcha quando a mãe me convidou a me sentar? Gentilmente, ela me fez um sinal para que me afastasse um pouco, e com toda calma, então, ergueu a colcha. E lá estava ela, a pequena Sa'îda, com seu quilo e meio de peso, aquecida e confortável em seu bem-arranjado ninho. Ele deve ter-lhe feito muito bem, pois ela é hoje uma saudável menininha de dois anos!

Fomos até lá pela primeira vez, passando por ali uma noite, o marido nos pediu que examinássemos sua esposa, que tinha “febre”. Voltamos muitas vezes, porque a família tinha-se tornado nossa amiga, e a visão do pequeno Sherif correndo em nossa direção, vindo dentre os enormes búfalos, gritando “Irmã, Irmã”, e então puxando-nos pela mão para nos levar para a pequena choupana chamada de “casa” – essa visão era sempre uma recepção maravilhosa. Sherif não enxerga bem, e sua mãe tem estado doente, mas a cortesia e o refinamento inatos daquele pequeno lar constituem uma lição a aprendermos com o Oriente.

Outra coisa de que eu sentiria falta seriam os chamados à oração, que diariamente ressoam tão tristemente na cidade muçulmana, especialmente o da manhã, ao alvorecer, quando quase todo o mundo está adormecido e nós estamos levantando para dizer nossa oração da manhã, a *prima*. Este *adhân* – chamado à oração – matinal, feito dos minaretes, termina, muito apropriadamente, com as palavras “orar é melhor que dormir”. E é comum dobrar a um ou outro lado, no final de um corredor do hospital, e se deparar com uma velha senhora prostrada no soalho, dizendo “Deus é Grande!”. Ou ver nosso *chowkedar* (porteiro), de pé e em silêncio, sob a palmeira, em nosso pátio frontal, ao anoitecer, com as mãos cruzadas em oração, o céu já meio escuro compondo uma imagem perfeita.

E havia os pescadores. Homens corpulentos, grandes, nossos amigos desde o primeiro dia. Suas esposas e filhas são mulheres adoráveis, com aquela frescura e espontaneidade que lhes vêm de viver perto do mar. Que dizer da forma como dançariam para nós suas simples danças populares, batendo palmas e balançando o corpo ao som das ondas ao longe, e ao som das canções do Oriente cantadas por um grupo de mulheres que marcam o ritmo num velho tambor a seus pés?

Às vezes, levamos nossas enfermeiras até lá para um piquenique, algo que grandemente apreciam. A comunidade de pescadores nos cede uma de suas casas, com todas as cadeiras que conseguem obter, alguns tapetes de palha para o chão, e um par de camas de cordas – e ela é nossa por um dia.

À noite, quando os barcos de pescadores retornam, todos vão ver e apreciar o que foi possível pescar. Da última vez que os acompanhei, havia até mesmo um filhote de tubarão!

O pescado é levado ao mercado todos os dias, a camelo, e, enquanto esperam a chegada dos barcos, os camelos são banhados no mar. É divertido observá-los, gemendo e se opondo de início, mas depois, de repente, parecendo apreciar a água!

Quando algum membro de uma família de pescadores cai doente, eles nos pagam a hospitalização em peixes! Toda manhã, lá está em nosso saguão Ahmed ou Ali esperando para ouvir notícias do doente, e para nos dar o grande peixe que está aos seus pés!

Em verdade, esta era uma terra de pessoas de grande coração, com uma grande capacidade para a amizade, e foi com o perfume de suas flores numa guirlanda em meu pescoço que acenei meu adeus a este bravo país que tinha sido meu lar por quatro anos.

b) Jerusalém, 1934 & 1937¹⁸

Do ponto de vista de que estou escrevendo este livro, o mais importante trabalho de escultura que tive nestes anos foi a entalhadura de dez painéis no Novo Museu de Jerusalém – um edifício nobre. Isso exigiu minha estada na Terra Santa por quatro meses, em 1934, e voltei a ela em 1937.

Gostaria de poder avaliar adequadamente a influência de Jerusalém. Fui muito afortunado de ter de trabalhar ali. Não sou muito bom com viagens, de modo que, a menos que tenha um trabalho a fazer, prefiro ficar em casa. Mas em Jerusalém eu tinha trabalho, e um contrato bom e longo. E esse trabalho incluía trabalhar no andaime com trabalhadores árabes. Eu usava roupas árabes, o que significa estar vestido mais esplendidamente do que reis e príncipes europeus, e frequentava cafés e *suqs* árabes com Laurie Cribb, que tinha viajado comigo. Era tudo maravilhoso.

Pois a Palestina é a Terra Santa. Para mim, foi como viver com os apóstolos. Foi como viver na Bíblia. Era a antítese de tudo o que a Inglaterra representa. Não estou dizendo, com isso, que não há nada de errado na Palestina. Onde estiver o homem, haverá o pecado, e a violência, e o egoísmo e a doença. Além disso, existem pobres na Palestina, mais pobres do que possamos conceber em nossas cidades atualizadas. Isso a despeito de tudo o que a Terra Santa é, e eles vivem uma vida santa, enquanto a Inglaterra é não-santa e as pessoas só podem viver vidas santas em segredo.

Na Palestina, os ingleses, e os judeus, parecem achar que é sua missão reformar tudo e transformar os árabes em bons europeus... Exceto na velha cidade de Jerusalém, onde as ruas são apenas passeios para pedestres, os automóveis e os ônibus estão em toda parte... Os engenhosos judeus modernos estão erguendo engenhosas cidades modernas e introduzindo engenhosos modos modernos, incluindo a engenhosa moderna prostituição e as engenhosas roupas modernas. E essas coisas são boas? Não, não são.

Mas a discussão de tais juízos supera o escopo deste livro. Quero apenas deixar de alguma forma claro que desde que fui à Palestina minha mente está penetrada por uma categoria diferente de viver – uma categoria que antes eu apenas pressentia, mas que agora experimentei –, uma categoria não apenas humana, mas essencialmente santa. “Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Mas se um homem viola o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, *o que vós sois.*” “O que vós sois!” Eis o ponto principal...

Não vou escrever sobre as coisas belas... a beleza do deserto da Judeia, a beleza de Siloam, a beleza da igreja de Justiniano em Belém, nem mesmo sobre a beleza do Haram de Jerusalém, o lugar sagrado dos muçulmanos e o mais belo lugar que eu jamais vi.

A Palestina foi a última das revelações que me foram permitidas. Ela confirmou e abarcou todas as outras. Foi uma dupla revelação. Na Terra Santa eu vi de fato uma terra santa; também vi, por assim dizer olhos nos olhos, o rosto suado de Cristo. A semi-arruinada igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, a semi-arruinada igreja da Natividade em Belém; tais coisas são simbólicas e somos incapazes de renová-las... Pelo decreto inscrutável de Deus, o suor não é para ser enxugado de seu rosto. Ele sofre menos se os coptas e os gregos e os romanos brigam entre si do que se, tendo abandonado a Cruz, eles entregam a noção toda da salvação à autoridade sanitária. É isso que nossa civilização está tentando

¹⁸ Extraído de *Autobiography*, de Eric Gill (1882-1940), Jonathan Cape, Londres, 1940, pp. 248-255.

fazer. Mas isso ainda não aconteceu em Jerusalém. Eles ainda não deram a César o que é de Deus.

Longe de encontrar na Palestina o desapontamento, eu só encontrei o bem; pois encontrei a beleza divina. E foi um duplo bem; pois eu vi não apenas a beleza, mas também as lágrimas e o suor. A ilusão caiu por terra. As grandezas sem sentido e ilusórias de Roma: Roma, a Cidade Sagrada enfeitada no refinamento dos salões de baile e dos bancos, a magnificência das estatísticas que atraem e enganam a alma, a aparência grandiosa da unidade doutrinal e ética. Parecia-me que faríamos melhor em abstermo-nos de nossas grandezas e esquecer nossos números – e em nos vangloriarmos um pouco menos de nossa unidade, enquanto, para os gentios e os pagãos e os infiéis, a coisa mais aparente a respeito dos cristãos é sua desunião sectária (e isto simbolizamos com precisão diabólica por nossas lutas sangrentas no próprio Santo Sepulcro – lutas detidas apenas pela polícia, e, diga-se, polícia muçulmana), e sua única união é uma união meramente secular. Pois, enquanto brigamos entre nós por causa da doutrina, estamos unidos na adoração comum do dinheiro e do sucesso material. Aqui eu não exagero. É isso que é terrível.

O que estou esforçando-me para dizer é que, assim como nunca vi ou imaginei algo mais amável que a Terra Santa – quer se pense nela como uma terra ou como habitações humanas –, nunca vi nada menos corrompido pelo pecado e pelo orgulho humanos. E entendi como nunca antes a virtude da pobreza, e como a paz na terra não pode ter outra base.



O Sr. Nuseibah (centro): porteiro da Igreja do Santo Sepulcro.



Um muçulmano armado guardando a entrada da Igreja do Santo Sepulcro, Jerusalém (detalhe de uma miniatura do século XV)



A Igreja de Maria Madalena e a Mesquita de Omar, Jerusalém. A mesquita de Omar é geralmente conhecida como “Domo da Rocha”. Diz-se que foi aqui que Abraão estava prestes a sacrificar seu filho, e também que foi deste lugar que o Profeta Mohammed ascendeu ao Céu.

Atitudes islâmicas em relação ao Cristianismo

1) ALCORÃO

Versículos relevantes para o Cristianismo e os cristãos

Descobrireiis que os melhores amigos dos crentes [isto é, dos muçulmanos] são aqueles que dizem: “Somos cristãos”. Isto porque há sacerdotes e monges entre eles, e porque não são orgulhosos. (Capítulo “A Mesa Posta”, 5, 85)

Ó Povo do Livro! Não tereis fé até que observeis a Torá e o Evangelho, e tudo o que foi revelado a vós por vosso Senhor. (Capítulo “A Mesa Posta”, 5, 68)

Em verdade, aqueles que acreditam [isto é, os muçulmanos], aqueles que são judeus, sabeus, cristãos, e todo aquele que acredita no Último Dia e faz o bem: nenhum temor recairá sobre eles, nem se afligirão. (Capítulo “A Mesa Posta”, 5, 69)

Ó Povo do Livro! Vinde agora para uma palavra comum a vós e a nós, de modo que não adoremos a ninguém a não ser Deus. (Capítulo “A Família de Imrân”, 3, 64)

Em verdade, Nós fizemos surgir em toda nação um Mensageiro, que proclamou: Servi a Deus e abstei-vos dos falsos deuses. (Capítulo “A Abelha”, 16, 36)

Ó Homens! Nós vos criamos de um único (par) de um homem e uma mulher, e fizemos de vós nações e tribos para que possais vos conhecer mutuamente (não para que possais vos desprezar mutuamente). (Capítulo “Os Cômodos Privados”, 49, 13)

A Deus pertencem o Oriente e o Ocidente; para onde quer que vos volteis, lá está a Face de Deus. (Capítulo “A Vaca”, 2, 115)

[Lembraí dela] que guardou sua virgindade; Nós sopramos para o seu interior Nosso Espírito, e fizemos dela e de seu filho um sinal para todos os povos. (Capítulo “Os Profetas”, 21, 91)

(A Anunciação, quando o arcanjo Gabriel apareceu a Maria)

E faz menção, no Livro, de Maria. Enviamos a ela Nosso Espírito e ele assumiu para ela

a forma de um homem perfeito. Ela disse: “Veja! Eu me refugio de ti no Misericordioso, se tu és temente a Deus.” Ele disse: “Sou apenas um mensageiro de teu Senhor, para que possa conferir a ti um filho impecável.” Ela disse: “Como poderia ter um filho, se nenhum homem mortal me tocou, e nunca deixei de ser casta?” Ele disse: “Assim será. Teu Senhor disse: É fácil para Mim; e acontecerá que Nós faremos dele uma revelação para a humanidade, e uma misericórdia vinda de Nós. É coisa ordenada.” (Capítulo “Maryam”, 19, 16-21)

Que o povo do Evangelho julgue por aquilo que Deus revelou a eles. (Capítulo “A Mesa Posta”, 5, 47)

Os que acreditam no que foi revelado a ti (Mohammed), e os que são Judeus, Cristãos e Sabeus – todos os que acreditam em Deus e fazem ações retas – certamente a recompensa deles está com seu Senhor. Nenhum temor virá a eles, nem se afligirão. (Capítulo “A Vaca”, 2, 62)

Não discute com o povo do Livro... Nosso Deus e seu Deus são um e o mesmo. (Capítulo “A Aranha”, 29, 46)

(Palavras que o Alcorão atribui ao Menino Jesus)

A paz sobre mim no dia em que nasci, e no dia em que morrer, e no dia em que serei elevado vivo. (Capítulo “Maryam”, 19, 33)

Não há coerção em religião. (Capítulo “A Vaca”, 2, 256)

2) MOHAMMED

a) Alguns ditos do Profeta Mohammed relevantes para o Cristianismo

Todo filho de Adão, no seu nascimento, é tocado por satã, exceto o filho de Maria e sua mãe.

A todo aquele que engana um cidadão não-muçulmano, ou usurpa suas posses, Eu serei seu acusador no Dia do Juízo.

Um dia, uma procissão funerária passou pelo Profeta Mohammed, e ele se levantou em

sinal de respeito. Quando observaram que o caixão era de um judeu, ele respondeu: “E não era ele um ser humano?”

Se qualquer um dá testemunho de que não há deus a não ser Deus, o qual não tem associado, que Mohammed é Seu servo e mensageiro, que Jesus é Seu servo e Mensageiro, o filho de Sua serva, Seu Verbo, que ele introduziu em Maria, e um Espírito vindo d’Ele, e que o Paraíso e o inferno são reais, então Deus o fará entrar no Paraíso, não importa o que ele tiver feito.

b) Mohammed protege o ícone da Virgem e do Menino

Dentro da Caaba, em Meca, as paredes estavam cobertas com imagens de ídolos. Osmã, companheiro de Mohammed, estava pintando as paredes para cobrir essas imagens. Entre elas, havia um ícone da Virgem Maria e do Menino Jesus. Colocando sua mão sobre o ícone, para protegê-lo, Mohammed disse a Osmã que cobrisse de tinta todas as outras imagens, com exceção de uma de Abraão.

c) Uma carta de Mohammed

Em 628, Mohammed enviou uma carta de apoio aos monges do Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai. A carta menciona os direitos concedidos ao mosteiro, particularmente a liberdade de culto, a liberdade de possuir propriedade e mantê-la, a proteção de cristãos, e seu direito de proteção mesmo na guerra.

O teor da carta é o seguinte:

“Esta é uma mensagem de Mohammed ibn Abdullah, como um acordo com aqueles que adotam o Cristianismo, perto e longe; estamos com eles. Em verdade, eu, meus servos, meus auxiliares e meus seguidores os defendemos, porque os Cristãos são meus cidadãos; e, por *Allâh*, eu os protejo de qualquer coisa que possa desagradá-los.

“E seus juízes não devem ser removidos de suas posições, nem seus monges de seus monastérios. Ninguém deve destruir uma casa de sua religião, causar dano a ela, ou tirar dela qualquer coisa para levá-la a casas de muçulmanos. Se qualquer um fizesse uma dessas coisas, prejudicaria o acordo de Deus e desobedeceria Seu Profeta. Em verdade, esses são meus aliados, e eles têm meu decreto garantido contra tudo o que eles odeiam. Ninguém deve forçá-los a viajar, ou obrigá-los a lutar. Os muçulmanos devem lutar por eles. Se uma mulher cristã se casar com um muçulmano, isso não deve acontecer sem que ela tenha dado seu consentimento. Ela não deve ser impedida de ir à sua igreja para rezar.

“Suas igrejas devem ser respeitadas. Eles não devem nem ser impedidos de fazer-lhes os devidos reparos, nem a sacralidade de seus acordos. Nenhum muçulmano deve desobedecer o acordo até o fim dos tempos.” (*ver também p. 101*)

O original desta carta chegou às mãos do sultão otomano Salîm I e está conservado no Museu Topkapî, em Istambul.

3) CALIFAS

a) Os Quatro Califas “Bem-Guiados” (*khulafâ rashidûn*)

Não se ouve nada sobre qualquer tentativa organizada de forçar a aceitação do Islã pela população não-muçulmana, ou sobre qualquer perseguição sistemática para eliminar a religião cristã. Tivessem os primeiros califas escolhido um ou outro desses meios de ação, poderiam ter varrido do mapa o Cristianismo tão facilmente quanto Ferdinando e Isabela expulsaram o Islã da Espanha.

Extraído de *The Preaching of Islam: a History of the Propagation of the Muslim Faith*, por Thomas W. Arnold (missionário protestante do século XIX), publicado em 1896

b) Califa Omar (581-644)

Segundo dos Quatro Califas Bem-Guiados

Está registrado que, nos primeiros dias do Islã, o Califa Omar recusou um convite do Patriarca Ortodoxo de Jerusalém para que rezasse na igreja do Santo Sepulcro, por temer que, se o fizesse, os muçulmanos, dali em diante, poderiam querer transformá-la numa mesquita.

O Califa Omar viu alguns cristãos leprosos quando passava por Jabiya, na Síria. Ele imediatamente ordenou que lhes fosse dada uma grande soma de dinheiro do fundo de caridade, e que recebessem sua esmola diária, querendo dizer que deveriam ser alimentados sem ser cobrados por isso.

4) SUFIS

O Sufismo é a dimensão interior ou mística do Islã. Os grandes sufis dos primeiros séculos, como Ibn ‘Arabi, Rûmî e Al-Ghazali podem ser comparados com sábios e santos cristãos como Santo Agostinho, São Benedito, São Domingo e São Francisco. As ordens sufis podem ser consideradas análogas às ordens monásticas cristãs, com a exceção de que os sufis não vivem em monastérios, mas no mundo.

a) Ibrahim ibn Adham (falecido em 777)

Ibrahim ibn Adham nasceu em Balkh, no Afeganistão, na primeira metade do século VIII. Ele era um rico príncipe, filho de um dos reis do Coraçone. Um dia, quando estava caçando, ouviu uma voz que lhe falava: “Não foi para isto que foste criado.” Ibrahim se deteve e disse: “Eis que me chega uma advertência vinda do Senhor dos Mundos.” Ali mesmo, largou seu cavalo e trocou suas roupas luxuosas pelas roupas simples de um pastor. Daí em diante, viajou de terra em terra como peregrino. Sua conversão do luxo para a austeridade foi muitas vezes comparada com a história do príncipe Gautama, o *Buddha*.

Ibrahim Ibn Adham foi um dos primeiros gnósticos ou sufis sapienciais. Ele aprendeu a gnose com um monge cristão chamado Pai Simeão. Eis seu próprio relato:

“Eu aprendi a gnose (*ma'rifa*) com um monge chamado Pai Simeão. Eu o visitei em sua cela, e lhe perguntei: ‘Pai Simeão, há quanto tempo tens estado nesta tua cela?’ Ele respondeu: ‘Há setenta anos.’ E eu perguntei: ‘De que te alimentas?’ Ele disse: ‘Ó hanifita, o que te leva a fazer tal pergunta?’ Mas respondeu: ‘De um grão-de-bico por noite.’ Eu disse: ‘O que te move, em teu coração, de modo que esse grão-de-bico te é suficiente?’ Ele respondeu: ‘Eles vêm a mim um dia por ano e enfeitam minha cela e andam por ela em procissão, assim fazendo-me reverência; e sempre que meu espírito se cansa da adoração, eu o faço lembrar daquela hora, e suporto os trabalhos de um ano por aquela hora. Suporta, ó hanifita, os trabalhos de uma hora, pela glória da eternidade.’ Então, a gnose desceu e penetrou em meu coração.” (Extraído de *Hilyat al-auliya* [“a Crônica dos Santos”] de Abu Nu’aim al-Isfahânî.)

b) Muhyi ‘d-dîn ibn ‘Arabi (1165-1240)

Muhyi’-d-Dîn ibn ‘Arabî nasceu em Múrcia, no sudeste da Espanha, em 1165. É considerado um dos maiores místicos sapienciais ou teosóficos do Islã e se tornou conhecido como *Muhyi’-d-Dîn* (“o Revivificador da Religião”) e como *ash-Shaikh al-Akbar* (“o Maior dos Cheikhs”). Além de fazer a peregrinação a Meca, Ibn ‘Arabî fez muitas viagens pelo mundo islâmico. Chegou a morar no leste da Turquia, onde recebeu muitas dádivas do sultão de Konya, e mais tarde, foi para Aleppo, na Síria, onde o rei, filho de Saladino, também o recebeu com grandes honras. Ibn ‘Arabî por fim estabeleceu-se em Damasco, onde morreu em 1240, e onde seu túmulo é até hoje venerado.

Ibn ‘Arabî era um escritor prolífico, e é famoso acima de tudo por seus profundos escritos sobre filosofia e metafísica.

As linhas mais famosas de sua poesia inspirada são as seguintes:

“Meu coração tornou-se capaz de todas as formas: ele é um pasto para as gazelazs, um claustro para os monges cristãos, um templo de ídolos, a Caaba do peregrino, as tábuas da Torá e o livro do Alcorão. Eu pratico a religião do Amor. Seja qual for a direção em que avancem suas caravanas, a religião do Amor será minha religião e minha fé.” (Tarjumân al-Ashwâq [“O Intérprete do Amor”], XI, 13-15)

Em seus escritos, Ibn ‘arabî refere-se a Mohammed como “Selo da Profecia” e a Cristo como “Selo da Santidade”. Eis seu comentário a respeito de Cristo:

“O Selo da Santidade, acima do qual não há outro santo, é nosso senhor Jesus. Encontramos vários contemplativos do coração de Jesus... Eu me uni a ele várias vezes em meus êxtases, e por seu ministério me voltei a Deus em minha conversão... Ele me deu o nome de amigo e prescreveu-me a austeridade e a nudez do espírito.” (Al-Futûhât al-Makkîya [“As Revelações Mequenses”], II, 64-65)

c) Jalâl ad-Dîn Rûmî (1207-1273)

Jalâl ad-Dîn Rûmî nasceu em Balkh, na Pérsia, mas ainda novo partiu dali, acompanhando seu pai, Bahâ’ ad-Dîn Walad, reputado estudioso, que tinha tido uma divergência com os

governantes locais. Depois de vários anos vivendo entre uma e outra cidade, a família foi convidada pelo sultão seljúcida de Rûm a se estabelecer em Iconium, hoje Konya, na Turquia. Para mostrar seu respeito por Bahâ' ad-Dîn, o Sultão foi ao seu encontro quando ele se aproximava de Konya, apeou do cavalo e conduziu pelas rédeas a montaria de Bahâ' ad-Dîn até o interior da cidade. Rûm (“Roma”) tem esse nome por causa do passado bizantino da região; e é por causa dele que Jalâl ad-Dîn se tornou conhecido como Rûmî, “o homem de Roma”, isto é, do Império Romano do Oriente, ou Bizâncio.

Rûmî é o autor do *Mathnâwî* (“Pares de Versos de Profundo Sentido Espiritual”), vasta obra de ensinamentos sufis que é considerada o maior tesouro da língua persa. O *Mathnâwî* é a expressão exterior da realização interior de seu autor, bem como daquela força espiritual que se perpetua até os dias de hoje na ordem de dervixes que Rûmî fundou, e que tem seu centro em Konya.

Os discípulos de Rûmî referiam-se a ele como *Maula-nâ* (“nosso Mestre”), e a sua ordem é chamada Mevlevi (em árabe, *Maulâwî*). Além de dervixes (“*fuqarâ*”, em árabe), Rûmî teve também numerosos discípulos cristãos.

Os membros da ordem Mevlevi são conhecidos como “dervixes dançantes” por usarem a dança e a música como suportes para seu método de realização espiritual. Além da dança e da música empregadas em sua ordem, Rûmî está ligado à música de outra maneira: o canto dos versos do *Mathnâwî* tornou-se ele próprio uma arte.

É célebre esta declaração de Rûmî:

“Não sou cristão nem judeu, nem parse nem muçulmano. Não sou do leste nem do oeste, nem da terra nem do mar... Pus de lado a dualidade e vi que os dois mundos são um. Eu busco o Um, conheço o Um, vejo o Um, invoco o Um. Ele é o Primeiro, Ele é o Último, Ele é o Exterior, Ele é o Interior.”

d) Al-Ghazâli (1058 – 1111)

Abu Hamîd at-Tusi Al-Ghazâli, místico, teólogo e jurista, nasceu em 1058 em Tus, perto de Meshed, no nordeste do Irã. Sua língua nativa era o persa, mas, ainda muito cedo, estudou o árabe ao ponto de dominar totalmente este idioma. Al-Ghazâli viajou por muitos lugares e ensinou em diversas localidades, mas morreu em sua terra natal de Tus em 1111.

Conhecido na Europa ocidental, durante a Idade Média, pelo nome latino Algazel, e considerado por alguns “o maior muçulmano depois de Mohammed”, Ghazâli combinou a ortodoxia teológica com o misticismo, e a erudição com um profundo entendimento da alma humana.

Ele foi um daqueles muçulmanos que sabiam que os Evangelhos cristãos eram inteiramente válidos. Ele tinha consciência de que eles não tinham sido “alterados”, ao menos no sentido literal entendido por muitos islamitas.

Além disso, apesar da suspeita geral de “encarnacionismo” que há no Islã em relação à doutrina cristã da Trindade, Al-Ghazâli tinha um entendimento profundo dessa doutrina. Este ponto é discutido em detalhe por Louis Massignon em seu artigo “Le Christ dans les Évangiles selon Al-Ghazali”, em *La Revue des Études Islamiques*, 1932, seção IV.

e) O Emir Abd Al-Qadir [ou Abd El-Kader](1808 – 1883)

“Quando pensamos quão poucos homens há realmente religiosos, quão pequeno é o número de defensores e paladinos da verdade – quando vemos pessoas ignorantes imaginando que os princípios do Islã são a rigidez, a severidade, a extravagância e a barbárie – é hora de repetir estas palavras: ‘A paciência é bela, e Deus é a fonte de todo auxílio’ ” (Sabr jamîl, wa ‘Llâhu ‘l-musta’ân) (Alcorão, capítulo “José”, 12, 18).

Abd Al-Qadir, guerreiro e sufí, nasceu na Argélia e morreu em Damasco. Seu túmulo ficava ao lado do de Muhyi-d’Dîn ibn ‘Arabî, em Damasco, até que, em 1966, seus restos foram devolvidos à sua Argélia natal.

f) Mulay ‘Ali ad-Darqâwi

Cheikh marroquino que viveu na primeira metade do século XX

“O texto que Mulay ‘Alî leu para mim em voz alta, e ao qual ele ocasionalmente fazia breves comentários em dialeto marroquino, era uma coleção de profecias, em parte simbólicas e em parte literais, feitas por Mohammed e alguns de seus sucessores imediatos, com relação ao fim do mundo. Mulay ‘Ali tinha sem dúvida escolhido este texto para me mostrar o que Cristo significava para ele. De fato, ela falou da Segunda Vinda como se fosse iminente e, em determinado momento, apontou para si mesmo e disse: ‘Se nosso Senhor ‘Isâ (Jesus) retornasse à terra antes que eu morresse, eu imediatamente me ergueria e o seguiria!’ ” (Extraído de: Titus Burckhardt, *Fez, City of Islam*, Islamic Texts Society, Cambridge, Inglaterra, 1992. p.109.)

g) Ahmad al-‘Alawî (1869-1934) [Cheikh argelino]

O Cheikh Ahmad al-‘Alawî foi o descendente espiritual, no século XX, do Cheikh Abu’l-Hassan ash-Shâdhilî (1196-1258), que fundou uma ordem espiritual ou *tarîqa* que se tornou conhecida como Shâdhilîta (e, depois, Shâdhilîta-Darqâwîa). O professor A.J. Arberry, que já tivemos oportunidade de mencionar, referiu-se ao Cheikh al-‘Alawî como “alguém cuja erudição e santidade lembram a idade de ouro dos místicos medievais”.¹⁹ A vida e os ensinamentos do Cheikh al-‘Alawî estão relatados com grande riqueza de detalhes no livro *A Sufi Saint of the Twentieth Century*, de Martin Lings.

Um orientalista francês escreveu sobre ele o seguinte:

“O Cheikh estava sempre sedento de conhecimento de outras religiões. Ele parecia estar muito bem informado em relação às Escrituras cristãs e mesmo em relação à tradição patrística. O Evangelho de São João e as Epístolas de São Paulo, em particular, o atraíam. Sendo um metafísico extremamente sutil e penetrante, ele era capaz de reconciliar a pluralidade com a unidade na concepção Trinitária das três Pessoas numa identidade consubstancial.” (Augustin Berque, *Un Mystique moderniste*, Revue Africaine, 1936, p.739, citado por M. Lings, *A Sufi Saint of the Twentieth Century* (Londres, 1971, p. 82.)

¹⁹ Luzac’s *Oriental List*, outubro-dezembro, 1961.

Um dos famosos ditos atribuídos ao Cheikh Al-‘Alawî é o seguinte: “A Verdade se derrete como neve nas mãos daquele cuja alma não se derrete como neve nas mãos da Verdade.”

5) SULTÕES E SANTOS

a) Abu Walîd: O Santo Muçulmano²⁰

A capela principal da Catedral de Toledo tem um detalhe curioso ao qual poucos dão atenção, embora seja provavelmente algo que não se encontra em nenhuma outra igreja cristã do mundo: entre as imagens de santos, bispos e monarcas católicos – defensores da fé –, há uma bela estátua multicolor de um muçulmano, doutor de teologia de sua religião.

Esta catedral não foi iniciada antes de 1227, e a estátua em questão, como toda a estatuária circundante, é posterior a essa data em ao menos um século; mesmo assim, duzentos e cinquenta anos após sua morte, a memória deste santo muçulmano ainda era tão cultuada em Toledo que puseram sua imagem numa das duas mais proeminentes posições, perto do altar principal.

Seu nome era Abu Walîd, e quando a cidade capitulou diante dos cristãos, em 1085, ele era o principal *faqîh* (doutor da lei islâmica) de Toledo. A *aljama* (em árabe, *al-masjid al-jami*’, ou seja, a “mesquita da sexta-feira” ou “mesquita congregacional”) era a antiga e visigótica Catedral de Santa Maria, que tinha sido convertida para o uso islâmico quando a cidade caiu diante de Tariq, o Bérbere, em 719, e tinha sido consideravelmente enriquecida durante os três séculos e meio que desde então se haviam passado.

Quando o rei mourisco Yahya rendeu-se a Alfonso VI, fê-lo sob a condição de que os muçulmanos que preferissem permanecer em Toledo pudessem continuar a usar a *aljama*. Alfonso aceitou essa condição e comprometeu sua honra de monarca em que a cumpriria, como de fato cumpriu. Mas isso causou um profundo descontentamento entre os cristãos. Com que fundamento, alguns deles perguntaram, podia o rei permitir que os muçulmanos os privassem, no coração de sua própria capital, de seu direito à igreja que seus antepassados tinham construído para a Santa Virgem, e que ela mesma tinha consagrado com uma aparição milagrosa? A inscrição ao lado do pilar, citando os Salmos, dizia: “Adoremos no local onde seu pé se pôs.” Quem era o rei para impedi-los de adorar naquele local?

Na primeira ocasião em que Alfonso se ausentou de Toledo, os descontentes do povo, liderados pela rainha Constanza, bem como os do clero, liderados pelo Arcebispo Bernardo, fizeram um acordo secreto quanto ao dia e à hora para o golpe e, no dia 25 de outubro de 1087, entraram à força na *aljama*, desalojaram os muçulmanos que ali estavam e restauraram a adoração cristã no local, com o próprio Bernardo presidindo-a.

O ressentimento dos muçulmanos por esta quebra de confiança só foi excedido pela indignação do próprio rei quando recebeu a notícia de como seu compromisso solene tinha sido violado; e Alfonso ficou ainda mais furioso por imaginar que os muçulmanos bem poderiam suspeitar que ele estivesse a par da trama. Portanto, marchou o rei de volta a Toledo a toda pressa, com a intenção de punir os autores do ultraje e fazer valer a lei. E as consequências, mesmo para a própria rainha, teriam sido sérias, não tivesse Alfonso sido interceptado, na aldeia de Magán, pelo

²⁰ Esta foi uma de uma série de conferências radiofônicas, sob o título geral de “Espanha sob o Crescente”, proferidas por Angus Macnab, na década de 1950, para o serviço inglês da Rádio Espanhola e transmitidas para a América do Norte. O episódio em questão também está incluído no livro de Macnab de mesmo título – *Spain under the Crescent Moon*, Fons Vitae, Louisville, Kentucky, 1999.

idoso Abu Walîd e outros notáveis dentre os mouros, os quais tinham vindo ao seu encontro, por iniciativa e acordo próprio, para interceder junto a ele.

Todos mostraram-se agradecidos pelas intenções honoráveis do rei e confiantes de que este as levaria adiante; mas, insistiram, se isso fosse feito, e o rei devolvesse a mesquita para o Islã, o resultado só poderia ser um ódio amargo dos muçulmanos pelos cristãos e a uma permanente inimizade entre os dois povos; portanto, pediram-lhe que não tomasse nenhuma atitude, simplesmente deixasse as coisas ficar como estavam. No entanto, como o senso de honra do rei e o juramento que tinha feito não permitiriam isso, Abu Walîd e seus companheiros liberaram formalmente o rei de seu compromisso e renunciaram oficialmente ao direito de seu povo à *aljama*.

Esse ato prudente e generoso, lealmente apoiado pela população islâmica, devolveu a Toledo sua catedral preservando a honra de ambas as partes, e daquele dia em diante os mouros de Toledo viveram em perfeita paz e harmonia com seus irmãos cristãos; mesmo hoje, a arquitetura e o artesanato da cidade dão testemunho da feliz irmandade de artistas das duas tradições.

Se Abu Walîd está hoje no Céu com Santo Ildefonso, como tenho certeza de que está, então ele foi canonizado pelas palavras de Nosso Senhor, quando disse: “Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.” O santo *faqîh* está hoje em seu nicho da catedral, não como uma simples indicação de cortesia, mas por ter direito a isso, pela graça de Deus.



O santo muçulmano Abu Walîd (c. 1086): uma escultura policrômica do século XIII. Esta estátua foi colocada do lado direito do Altar Superior da Catedral de Toledo, na Espanha, dois séculos após a morte de Abu Walîd, e está lá até hoje.

b) Ibn Ahmar e São Ferdinando (Rei Ferdinando III de Espanha)

Quando Ferdinando III morreu, em 1252, o Sultão Ibn Ahmar, da dinastia Nasrid de Granada,²¹ enviou condolências ao seu filho e sucessor Alfonso X (“Alfonso, el Sábio”,

²¹ Foi Ibn Ahmar que pronunciou as famosas palavras inscritas repetidamente nas paredes da Alhambra: “Não há

que reinou de 1252 a 1284), assim como lhe enviou cem cavaleiros muçulmanos, os quais, com velas acesas, fizeram a vigília junto ao corpo do santo monarca. Ferdinando foi posteriormente canonizado, e seu filho Alfonso foi um dos mais notáveis dos sábios cristãos da Idade Média. (De *Spain under the Crescent Moon*, de Angus Macnab, Fons Vitae, Louisville, Kentucky, 1999, p.179.)

c) O Sultão do Egito e a Espanha Moura

Visitas de São Francisco de Assis (1182 – 1226)

É fato bem conhecido que, no começo da quinta Cruzada, São Francisco de Assis, acompanhado de vários de seus irmãos, avançou muito além do território em poder dos cruzados para fazer uma visita ao Sultão Al-Mâlik al-Kamil no Cairo. São Francisco não fez essa viagem como parte da Cruzada – na verdade, ele se opunha às opiniões teológicas mais amplamente adotadas, favoráveis àquele movimento. Seu propósito, para si mesmo e para seus companheiros, era encontrar o povo muçulmano e viver no meio dele como “irmãos menores”. Em seu livro *Francis and Islam*, o estudioso holandês Jan Hoeberichts escreve: “São Francisco de Assis manifestava uma oposição completa e única à justificação teológica dos métodos violentos da Cristandade.” O Dr. Hoeberichts estudou filosofia e teologia em universidades franciscanas na Holanda e na Itália, e é conferencista na área de teologia moral. Ele também passou 28 anos em áreas muçulmanas no subcontinente indiano.



São Francisco e o Sultão (antiga miniatura)

Mary O'Shaughnessy, da Diocese Episcopal de Nova York, baseando-se no trabalho do Dr. Hoebericht, escreve: “A intenção de São Francisco era viver entre aquele povo que era retratado como mau e ‘inimigo de Cristo’. Francisco, contudo, percebeu que o espírito de Deus estava vivo e operante em meio aos muçulmanos; ele admirou seu reconhecimento público e repetido de Deus e seu chamado à oração, e apreciou a profunda reverência que eles mostravam a seu livro sagrado, o Alcorão. Enquanto a maioria dos

vencedor a não ser Deus!” (*lâ ghâliba illâ 'Llâh*). Ao retornar para casa depois de uma bem-sucedida campanha, o povo de Granada o recebeu com gritos de “Vencedor! Vencedor!”, ao que ele replicou: “Não há vencedor a não ser Deus!” Essa é uma variante do credo islâmico fundamental: “Não há deus a não ser Deus” (*lâ ilâha illâ 'Llâh*).

sacerdotes cristãos daquela época fazia sermões inflamados contra o Islã, Francisco proibiu seus irmãos de tomar parte nessa atividade. Acima de tudo, o que Francisco queria de seus irmãos era que eles simplesmente vivessem com os sarracenos e em meio a eles.”

A visita ao Cairo não foi a única entrada de São Francisco no mundo muçulmano. Logo depois de retornar do Egito para a Itália, ele fez outra longa e árdua viagem, desta vez para a Espanha moura. Não há registro de que tenha encontrado com nenhum bispo ou abade de destaque nem na Espanha cristã (a caminho do sul), nem em meio à população cristã da Espanha muçulmana. Relatos cristãos dizem apenas que o propósito de São Francisco, ao fazer esta viagem, continua um mistério, e passam sob silêncio o que ele pode ter feito enquanto estava entre os muçulmanos. Admitem, contudo, que não há evidências de que ele tenha desenvolvido qualquer atividade evangelizadora.

d) Saladino (1137 - 1193)

Salâh ad-Dîn Yûsuf ibn Ayyûb, conhecido no Ocidente como Saladino, nasceu de uma família curda em Tikrit, no atual Iraque, em 1137. Tornou-se famoso como guerreiro, mas é célebre antes de tudo pela retomada de Jerusalém das mãos dos cruzados, em 1187.

Saladino cresceu em Balbek e em Damasco, na Síria. Já na infância se dedicou a sérios e profundos estudos do Alcorão, da teologia e da poesia árabe, e essa dedicação aos estudos o acompanhou por toda a sua vida, mesmo quando já tinha se tornado seu destino liderar campanhas militares.

Saladino começou sua carreira militar ingressando na equipe de seu tio Asad ad-Dîn Shirkuh, que era o comandante do exército sírio. Shirkuh, acompanhado pelo jovem sobrinho, liderou de 1164 a 1168 uma campanha para obter suserania sobre os então governantes do Egito, xiitas Fatímidas. O esforço guerreiro foi no final bem-sucedido e, em 1169, com a idade de 32 anos, Saladino foi nomeado vizir de Al-Adid, o califa que estava destinado a ser o último califa da dinastia Fatímida. Por volta da mesma época, Saladino tinha se tornado comandante supremo do exército. Quando da morte de Al-Adid, em 1171, Saladino declarou que o califado xiita tinha chegado ao fim e proclamou um retorno ao Islã sunita. Em 1174, já sendo o único governante do Egito, ele se tornou o primeiro califa da dinastia sunita aiúbida. Além do Egito, o império de Saladino incluía a Síria, a Palestina, a maior parte da Arábia e o Iêmen.

Quando os cruzados tomaram Jerusalém em 1099, assassinaram *todos* os seus habitantes, homens, mulheres e crianças, incluindo os judeus e a numerosa população de cristãos não-católicos; e se vangloriaram de que em partes da cidade o sangue chegava aos joelhos. Quando, após a batalha de Hattin, em 1187, Saladino retomou Jerusalém, ele e suas tropas adentraram a cidade com uma civilidade que contrastava profundamente com as ações sangrentas dos cruzados, oitenta anos antes. Saladino poupou a vida aos vencidos, deu-lhes tempo para partir e permitiu que se fossem com segurança. Afinal, tratava-se de uma cidade santa, e tinha sido capturada pelos muçulmanos numa “guerra santa”. Quando capturou os líderes dos cruzados, Guy de Lusignan e Raynald de Châtillon, poupou a vida do primeiro, mas ordenou que se executasse o segundo porque, algum tempo antes, Châtillon tinha atacado e matado um grupo de peregrinos muçulmanos desarmados que estavam a caminho da Meca. Saladino tratou muito bem todos os católicos, tanto soldados como civis – e ainda melhor os cristãos orientais, que tinham sempre se oposto aos cruzados!

Assim, por tais virtudes cavaleirescas, Saladino, apesar de sua oposição aos poderes cristãos, alcançou uma grande reputação na Europa, sendo muito admirado e mesmo considerado como um modelo de príncipe. O autor francês René Grousset escreve a respeito: “Sua generosidade e sua piedade isenta de fanatismo – aquela flor de liberalidade que tinha sido o modelo de nossos antigos cronistas – granjeou-lhe não menos popularidade entre os cruzados que entre os sarracenos” (*The Epic of the Crusaders*, Orion Press, 1970). No século XIV já havia um poema épico sobre os seus feitos, e Dante o incluiu entre as almas pagãs virtuosas no Limbo. Sir Walter Scott, em seu romance *The Talisman*, também o retratou sob uma luz favorável.

O historiador Ismail Abaza escreveu: “Saladino é uma figura romântica em quem é difícil achar muitas falhas. Com efeito, alguns de seus mais ardorosos admiradores foram seus biógrafos cristãos... O que sempre atraiu os europeus a Saladino foi seu senso quase perfeito de um refinado cavalheirismo. Conta-se que os cavaleiros cruzados aprenderam com ele muito sobre o cavalheirismo.”

O mesmo autor ainda escreve: “Em suas batalhas contra os cruzados europeus, Saladino com frequência tinha a ajuda de cristãos orientais, vítimas dos exércitos ocidentais como quaisquer outros nas terras do leste europeu. Os orgulhosos geórgios, por exemplo, preferiam Saladino ao Papa, e o mesmo acontecia com os coptas do Egito.”

O seguinte episódio vale a pena reproduzir: “Em abril de 1191, um bebê de três meses da uma cristã tinha sido roubado do campo francês e vendido no mercado. Os francos a encorajaram a ir ao próprio Saladino expor sua queixa. Ela o fez, e Saladino usou seu próprio dinheiro para comprar a criança de volta. Uma testemunha ocular da cena escreveu o seguinte: ‘Ele deu então a criança à mãe, que, com lágrimas escorrendo pelo rosto, a pegou no colo, apertando-a contra si. As pessoas a observavam e choravam e eu (Ibn Shaddad) estava de pé entre a gente. A mãe amamentou a criança por certo tempo, e então Saladino ordenou que se lhe trouxesse um cavalo e ela retornou ao campo franco’” (de *The Rare and Excellent History of Saladin*, por Bahâ’u’d-Dîn ibn Shaddad, traduzido por Donald S. Richards, 1981).

Quando de sua morte, Saladino tinha libertado quase toda a Palestina dos exércitos da Inglaterra, da França, da Flandres e da Áustria.

Saladino morreu de uma febre em Damasco em 1193. Quando abriram seu tesouro, descobriram que não havia nele recursos suficientes para pagar seu funeral. Ele tinha doado a maior parte dele em caridade.

e) O Califa de Damasco e São João de Damasco (676 – c. 764)

São João de Damasco, ou São João Damasceno, nasceu em Damasco e teve uma elevada função na corte do califa. Foi lá que ele escreveu e publicou, com aquiescência do califa, seu famoso tratado em defesa das imagens – algo que ele não poderia ter feito se vivesse no Império Bizantino, dado que as imagens tinham sido proibidas pelo Imperador Leão II, que era um iconoclasta. Em relação a isso, o Metropolitano Kalistos Ware coloca as coisas de uma interessante maneira quando se refere à “segurança de sua posição fora do Império” ! Essa não foi a única ocasião em que cristãos se sentiram mais seguros sob autoridades muçulmanas do que sob autoridades cristãs.

f) O Emir na Turquia e São Gregório Palamas (1296 – 1359)

São Gregório Palamas foi retido pelos turcos por um ano, e durante esse período teve discussões amigáveis com o filho do emir. Em sua mútua amizade, nunca entrou em questão o santo cristão converter-se ao Islã, nem o príncipe muçulmano se converter ao Cristianismo.

g) O governador da Tunísia e São Luís, Rei de França (1214 – 1270)

São Luís, Rei de França, quando estava na Tunísia, teve discussões amigáveis com os círculos governantes, sem que nunca se tivesse pensado numa “conversão” numa direção ou na outra.

h) Rei Mohammed V do Marrocos (1909 – 1961)

Este relato não diz respeito a cristãos, mas a judeus

Durante os anos da Segunda Guerra Mundial, as autoridades francesas de Vichy foram coagidas por seus invasores nazistas a fazer pressão sobre os judeus do Marrocos, que na época estava sob domínio francês.

O Rei Mohammed V do Marrocos resistiu bravamente às sugeridas medidas opressoras, que o governo de Vichy tentou pôr em vigor. “Os judeus são meus súditos”, ele declarou, “e estão sob minha proteção.”

Quando os franceses tentaram introduzir a prática nazista de forçar os judeus a trazer uma estrela amarela, o rei declarou que seria o primeiro a usar tal estrela.

Os esforços do rei em defesa dos judeus do Marrocos foram gratamente reconhecidos por autoridades judaicas após o fim da guerra.

6) HISTORIADORES

a) De *Maurische Kunst* ²² [Arte Moura], de Ernst Kuhnel (nasc. 1882)

Vemos príncipes muçulmanos e católicos não somente aliados, quando o poder de um perigoso co-religionário tinha de ser dobrado, mas também ajudando uns aos outros generosamente a suprimir desordens e revoltas. O leitor ficará sabendo, sem dúvida para sua surpresa, que, numa das batalhas pelo Califado de Córdoba, em 1010, forças catalãs salvaram a situação, e nesta ocasião três bispos deram suas vidas pelo “Comendador dos Crentes” (*amîr al-mu'minîn*). Almanzor tinha em seu círculo vários condes que se juntaram a ele com suas tropas, e a presença de guardas cristãos nas cortes da Andaluzia estava longe de ser excepcional. Quando um território inimigo era conquistado, as convicções religiosas da população eram respeitadas o mais possível; lembremos apenas

²² Berlim, 1924.

que Almanzor – que normalmente não era demasiado escrupuloso – cuidou, no assalto a Santiago, de proteger contra toda profanação a igreja que continha o túmulo do Apóstolo, e que, em muitos outros casos, califas aproveitaram as oportunidades de manifestar seu respeito pelas coisas sagradas do inimigo. Em circunstâncias similares, os cristãos tinham uma atitude similar: por séculos, o Islã foi respeitado nos territórios reconquistados, e foi somente no século XVI que ele foi sistematicamente perseguido e exterminado, sob instigação de um clero fanático que tinha se tornado por demais poderoso. Durante toda a Idade Média, por outro lado, a tolerância para com a convicção do outro e o respeito pelos sentimentos do inimigo acompanharam as incessantes batalhas entre mouros e cristãos, contribuindo para diminuir grandemente as misérias e os rigores da guerra, e conferindo aos combates um caráter o mais cavalheiresco possível. A despeito do abismo linguístico, o respeito pelo adversário, bem como uma elevada estima por suas virtudes – e, na poesia de ambos os lados, uma compreensão de seus sentimentos – tornou-se um elo comum nacional. Essa poesia dá um testemunho eloquente do amor ou da amizade que frequentemente unia muçulmanos e cristãos por cima de todos os obstáculos.

b) De *La Civilisation des Arabes* ²³ de Gustave Le Bon

A força não teve nenhum papel na propagação do Alcorão, pois os árabes sempre permitiram que aqueles que eles conquistaram mantivessem sua religião... Longe de ser imposto à força, o Alcorão foi difundido somente pela persuasão. Só a persuasão pôde induzir povos que, mais tarde, conquistaram os árabes, como os turcos e os mongóis, a adotá-lo.

Os exércitos árabes nunca alcançaram a Indonésia, e esse é o país islâmico de maior população em todo o mundo. Foram os comerciantes árabes – e especialmente os sufis entre eles – que converteram a Indonésia e a península malaia ao Islã.

Também vêm à mente os mongóis, que varreram tudo o que estava em seu caminho, mas que terminaram adotando a religião do povo que conquistaram.

Na Iugoslávia, foi principalmente a comunidade herética Bogomil que, no período de domínio turco, se converteu ao Islã. Os sérvios se mantiveram ortodoxos e os croatas se mantiveram católicos.

A falsidade da alegação de que o Islã foi difundido pela espada é definitivamente provado pelo fato de que as populações da Grécia e da Espanha (ambas sob domínio muçulmanos por vários séculos) se mantiveram cristãs. A comunidade monástica do Monte Athos, no nordeste da Grécia, floresceu durante o período em que a Grécia estava submetida aos turcos, mas, tão logo os turcos foram expulsos da Grécia, os monges do Monte Athos começaram a ter desgostos com o governo grego nacionalista – e secular.

c) De *Muslim Spain*,²⁴ por Duncan Townson

Na Espanha muçulmana, os que se tinham mantido cristãos eram bem tratados, como o eram por todo o Império Islâmico. Tanto os judeus como os muçulmanos eram considerados como “Povo do Livro”, isto é, como pessoas que tinham seus próprios

²³ Paris, 1884.

²⁴ Cambridge University Press, 1973, pp. 18, 25.

escritos sagrados, o Velho e o Novo Testamentos da Bíblia. Em Córdoba, os cristãos continuaram a adorar na Catedral de São Vicente, embora não pudessem incomodar os muçulmanos com o canto de hinos ou o tocar de sinos.

Os muçulmanos e os cristãos normalmente se davam muito bem juntos, viviam em boa parte uma mesma vida e se vestiam da mesma maneira. Os muçulmanos gostavam de participar de celebrações cristãs e eram visitantes frequentes de monastérios em dias de santos. Mesmo a guerra não os dividia. Os cristãos na Espanha muçulmana eram leais ao emir e lutavam por seu governante muçulmano contra os reis cristãos do norte. Nos tempos de paz, os reis cristãos enviavam seus filhos a aprender boas maneiras na corte de Córdoba. Eles casavam suas filhas com príncipes muçulmanos e essas noivas se tornavam muçulmanas, também.

A língua e a literatura árabe fascinavam os cristãos espanhóis, bem como a arquitetura e a ciência islâmicas. Um cristão de Córdoba chamado Álvaro escreveu em 854: “São inumeráveis os cristãos que podem se exprimir em árabe e compor poesia naquela língua com maior arte do que os próprios árabes.”

Uma recreação popular tanto para os ricos como para os pobres era reunir-se para piqueniques ou recepções em jardins. As pessoas em Córdoba tinham uma predileção por esses encontros, e qualquer ocasião era propícia. Casamentos e circuncisões – todos os meninos muçulmanos eram circuncidados – davam lugar a esplêndidas celebrações. Além disso, havia os dias de festa islâmicos e cristãos. Na festa cristã da Epifania, toda a população se juntava às procissões com tochas, que duravam a noite inteira. Havia peregrinações, em dias de santos, a monastérios cristãos onde os monges prodigalizavam uma grande hospitalidade... Os dias de festa eram ocasiões realmente especiais.

d) Extrato de *Fez, Cidade do Islã*,²⁵ por Titus Burckhardt (1908 – 1984)

Na Espanha medieval, muçulmanos, cristãos e judeus viviam lado a lado em paz, exceto quando problemas puramente políticos pudessem surgir. Para os governantes mouros, essa era uma situação natural, dado que a tolerância para com judeus e cristãos tem sua raiz na lei islâmica; contudo, os reis cristãos, a quem esta lei não se aplicava, também concediam frequentemente a seus súditos muçulmanos e judeus o mesmo direito. Isso não era de forma nenhuma o resultado de indiferentismo religioso, pois naqueles dias a religião tinha precedência sobre tudo o mais. Parece que foi a experiência que levou a esse respeito mútuo, ao pressentimento de que, por trás das aparências inabituais de outra forma religiosa, podia-se encontrar a mesma Verdade divina, e a uma disposição para deixar a Deus o julgamento nesta matéria. Além disso, apesar dos três sistemas dogmáticos que distinguiram as comunidades entre si, o mundo espiritual em que elas viviam era virtualmente o mesmo: vida e morte, Céu e terra, conhecimento e atividades práticas tinham para um deles o mesmo sentido e o mesmo valor. É significativo que o intercâmbio espiritual entre os mundos islâmico e cristão tenha se rompido subitamente com o racionalismo da Renascença, e que ao mesmo tempo tenha começado a intolerância da monarquia espanhola: os judeus foram convertidos à força ou perseguidos e os mouros, expulsos.

²⁵ *Fez, City of Islam*, Islamic Texts Society, Cambridge, England; Fons Vitae, Louisville, Kentucky, 1992, p.151.



Mosteiro de Santa Catarina, Sinai, Egito, o mosteiro que contém uma mesquita.

e) Monastério de Santa Catarina, no Monte Sinai

O Monastério de Santa Catarina, localizado aos pés do Monte Sinai (no Egito), onde Moisés recebeu os Dez Mandamentos, foi construído pelo Imperador Justiniano entre 527 e 565. Ele contém a Capela da Sarça Ardente, que foi erguida por determinação de Santa Helena, mãe de Constantino I, no local em que Moisés viu a sarça ardente. Diz-se que, séculos antes, Alexandre Magno passou pelo Monte Sinai com seu vasto exército. O Sinai é mencionado tanto na Bíblia quanto no Alcorão, e o local é sagrado tanto para o Cristianismo como para o Islã.

O monastério é de confissão ortodoxa grega. Santa Catarina de Alexandria, cujo nome ele recebeu, foi cruelmente martirizada e, de acordo com a tradição, seus restos mortais foram levados por anjos para a área do Sinai. Por volta do ano 800, os monges do monastério do Sinai os encontraram. O monastério é muito frequentado pelos beduínos nômades que vivem na região, que prestam muitos serviços aos monges. Há uma pequena mesquita, com um minarete, dentro dos muros do monastério.

É fato historicamente registrado que os monges do Monastério de Santa Catarina enviaram uma delegação a Medina em 628, para pedir a Mohammed para estarem sob sua proteção. O pedido foi aceito e uma cópia da carta recebida, aparentemente do próprio Mohammed, está exposta na galeria dos ícones.²⁶ Ela proclama que os muçulmanos protegerão os monges e, além disso, que os monges estarão isentos de impostos. Assim, quando a península passou para o domínio dos conquistadores árabes, em 641, os monges e seu monastério, desde aquele início do período árabe, continuaram sem ser molestados.

²⁶ Ver também o item 2.c.

Diz uma lenda que Mohammed tinha visitado o monastério em uma de suas primeiras viagens como mercador.

Séculos depois, em 1517, o sultão otomano Selim I tornou-se, para os monges, um novo protetor. As autoridades turcas respeitaram os direitos do monastério e chegaram mesmo a conferir um status especial ao arcebispo, que era também o abade.

A biblioteca do monastério contém um vasto número de antigos códices, bem como muitos manuscritos em hebraico, siríaco, grego, árabe e cóptico. O museu, por sua vez, abriga um número imenso de mosaicos e ícones. Este grande acervo começa com uns poucos ícones que datam de época tão remota quando os séculos V e VI. Estes remanescentes são peças únicas, porque o próprio monastério é único no sentido de que escapou completamente da devastação feita pelos imperadores bizantinos iconoclastas dos séculos VIII e IX. É um paradoxo que a “iconodulia” tenha em várias ocasiões sido preservada graças à suserania de monoteístas semíticos contrários aos ícones.

Há séculos, os beduínos da região frequentam o monastério, ajudando no jardim e na cozinha. Por tais tarefas, eles recebem dos monges trigo e outros alimentos.

O Monastério de Santa Catarina no Monte Sinai é há muito tempo um centro de peregrinação tanto para cristãos como para muçulmanos.

Extraído de *The Monastery of St. Catherine*, de Dr. Evangelos Papaioannou (publicado pelo Monastério de Santa Catarina [sem data]).